

# **“DUELOS”**

**(Contos diversos)**

## **ÍNDICE**

<b>1-SALTO SEM BARREIRAS.....</b>	<b>2</b>
<b>2-A SAGRADA FAMÍLIA.....</b>	<b>5</b>
<b>3-DUELO SOB O SOL.....</b>	<b>9</b>
<b>4-OS BÊBADOS NÃO DESCEM AO MEIO FIO IMPUNES.....</b>	<b>11</b>
<b>5-DUELO SOBRE A MESA.....</b>	<b>13</b>
<b>6-FINAL DOS TEMPOS.....</b>	<b>16</b>
<b>7-GALO DE BRIGA.....</b>	<b>17</b>
<b>8-SABE EM É JACQUES BREL?.....</b>	<b>19</b>
<b>9-LUA DE MEL EM FRIBURGO.....</b>	<b>21</b>
<b>10-NÃO SUFOCA ELE, MOÇO.....</b>	<b>24.</b>

## (1) SALTO SEM BARREIRAS

Em casa, quando a situação ficava tensa era fácil de saber: a Mãe se recolhia num canto do sofá folheando sem parar as mesmas páginas de um livro já bem machucado do Machado de Assis; o Pai, o Pai rondava a sala, daqui pra ali, dali pra cá, de um lado a outro, pensativo, silencioso e incomodado; e eu, eu de violão em punho acelerava as batidas, tremulando acordes desconexos, sem sintonia, criando um som alto e desigual, cujo objetivo era atizar o ambiente daquele espaço chamado “lar”; tocar foto ali com as minhas provocações. O instrumento parecia dizer em alto e bom som: “- *Ei, Dona Nancy, largue esse maldito livro e grite as suas mágoas para o seu marido, vamos!*” A Mãe, a Mãe tremia sob a minha música desconcertante; era visível que resistia em tocar fogo no lar-doce-lar quando se tratava do Pai, do seu homem. Pode-se dizer que o romance da “Dona Nancy” com o Pai, nascido de uma acirrada disputa com uma tal de “Mariana”, esbarrava nas artimanhas criadas pelo mestre da literatura. Se substituíssemos apenas os nomes, teríamos a história de ambos recontada pela psicologia endiabrada do Bruxo do Cosme Velho:

*“O ‘Pai’ quis sinceramente fugir, mas já não pode: ‘Dona Nancy’, como uma serpente, foi se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, susto, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima das ervas e pedregulhos.”*

Para a Mãe, “Dona Nancy”, aquelas ausências do Pai, que antes lhe soavam como um sussurro carinhoso, por vezes sensual, agora explodiam e apunhalavam. E, por certo, doíam-lhe como nunca!... Em casa quando a situação ficava, assim, tensa, eu, sem saber o porquê, gritava os acordes dissonantes no violão e disparava as minhas farpas todas contra o Pai. Fel puro e desprezo, as minhas palavras. Nascia em mim uma crueldade mesquinha, profunda, que me levava a provocar o Pai, a ironizar, a trucidá-lo até, se preciso. Tantas vezes, tanto fiz. E tanto fiz, tanto fiz, que naquele dia a Mãe também soltou todos os seus demônios escondidos contra ele. “Dona Nancy” aliou-se a mim disparando estilhaços, os seus golpes mais profundos. Palavras duras e cruéis as de uma esposa para o seu homem. A Mãe esbravejava, parecendo tirar das páginas do livro todos os seus ais e as suas mágoas:

*“- O Júnior tem razão... Pra você, somente os amigos, os amigos e as competições!”*

A Mãe falava em altos brados e eu sorria lá dentro, bem por dentro. E vitorioso, eu insistia sem trégua que ele queria mesmo era fugir da gente; o que o Pai pretendia mesmo era livrar-se da sua mulher e do seu filho!... Instigada por essa infâmia carregada de inveja e rancor, a Mãe pegou o jeito, soprou forte e avivou as brasas, e depois, depois entornou de vez a água fervente:

*“...Comigo? ...comigo apenas alguns minutos, sem uma palavra de carinho, só cobranças e cobranças... Mandou lavar o meu uniforme? Viu minha chuteira? Cadê meu tênis? Eu?... Eu que me lixasse nessa sala que mais parece um mausoléu ... Antes, eu*

*juro, antes eu tivesse deixado você com a espevitada da Mariana... À noite, muitas noites, quando eu mais te queria, me via ali, sozinha. Eu no meu quarto, o Júnior no dele. Sozinhos, os dois. Sem homem, sem pai, sem palavra de amigo, sem qualquer aconchego. Sempre sozinha, eu. E você? Você lá no bem-bom, comemorando vitórias... E você? Você ali, na cama, dormindo, roncando de cansaço das competições..Pior, um homem sem vida pra mim!... Sem os desafios que eu queria! E eu, a boba, a boboca, a vida inteira na plateia, impotente, assistindo a essa sua epopeia olímpica maldita. Maldito, você!”*

Naquela tarde, enquanto a Mãe espezinhava o seu homem, o Pai extravasava sua raiva, fazendo desabar sob nossos pés ali na sala, todos os seus troféus esportivos, as suas medalhas todas, as fotografias emolduradas, os seus diplomas e os certificados de louvor... Eu, eu sem lhe dar trégua, acentuava o ritmo frenético do meu potente instrumento, fulminando-o com minhas setas certeiras e venenosas. Palavras cruéis as de um filho para um pai; dardos pontiagudos que o feriam sem dó, como se partissem de um atirador de facas que mirasse todos os seus punhais no coração da vítima... Eu repetia, repetia até que me faltasse o fôlego, como numa competição em busca de recordes:

*“- Medalhas, troféus, diplomas...grande merda, tudo isso! Enquanto você vivia nessas malditas competições esportivas, eu ficava aqui, sozinho, sem pai, sem amigo, sem ninguém.... Às favas, esse tal de Moses!”*

Em meio à guerra que lhe fazíamos, aquilo que durante anos fora para ele os “*louros da vitória*”, agora, acomodavam-se de qualquer jeito numa grande caixa de papelão. O Pai, o Pai sem dizer uma palavra, como um autômato, pouco-a-pouco livrava as paredes do apartamento, as quatro prateleiras e as duas estantes da sala, de tudo aquilo que o mundo esportivo lhe dera; e odiando a Mãe e a mim, descia, furiosamente, as escadarias do prédio pra depositar todas as suas conquistas no suporte da lixeira, junto à calçada da rua.

Foram raras as oportunidades em que o vimos numa competição; quem o conhecia, no entanto, quem conhecia aquele esportista polivalente, de excelente compleição física, um atleta determinado e talentoso, nascido no mesmo dia e mês da *lenda-viva* do atletismo mundial, *Edwin Moses*, garantia que dele, o Pai absorvera ingredientes imprescindíveis: a velocidade, a força muscular e a capacidade de treinar, e treinar e treinar... Hoje, ali, no apartamento, junto ao parapeito da janela do sétimo andar, o olhar do Pai nos evitava, mas mantinha sob vigília todos os seus *troféus* amontoados na caixa lá embaixo. Olhar não é bem o termo, eu jurava que naquele momento, o Pai tinha visão de águia, capaz de contemplar, minuciosamente, cada um daqueles objetos. Abrisse a boca pra dizer, o Pai repetiria exaustivo que a medalha de “natação”, cromada em ouro 18, fora conquistada na raia olímpica do Tênis Clube, quando venceu o tricampeão Ruizinho Leme!... Abrisse a boca pra contar, o Pai diria que estava lá embaixo também a medalha do “futebol”, quando emplacara três a zero nos *Pequeninos do Jôquei*, e com isso, fora o campeão e artilheiro daquele ano!... A Mãe, a Mãe lia pela milésima vez o conto “A Cartomante”, sempre embevecida pela história de uma tal “Nancy”; e talvez, como a personagem, também sofresse, remoendo-se em lamentos pelo que dissera ao Pai, que por certo também enxergou entre as suas “honrarias”, o *troféu Hélio Rubens*, homenagem a um ícone do basquete brasileiro, que ele conquistara na partida final contra o *dream team* do Colorado A.C.; O Pai não se cansaria de nos dizer que virara o jogo com duas *cestas-de-três*, o que lhe valera o reconhecimento de toda a arquibancada, inclusive dos adversários!...O troféu, agora, também estava lá na lixeira, tal qual o do “handebol”, que ganhara numa partida memorável, segundo ele, contra o Paineirão F.C., quando enfiou um, dois, três... quinze espetaculares arremessos indefensáveis para o goleiro Gilmar Moreno!...

Veza ou outra, os olhos aquilinos do Pai voltavam-se para o interior da sala rastreando o vazio das paredes, a limpidez das estantes e a profundidade das prateleiras... Por vezes, por vezes o Pai mirava seus olhos reticentes endereçados a mim e à Mãe, mas em instantes deixava-nos ao abandono, negligenciava-nos, demonstrando que na lixeira da rua continuava a razão de ser e viver de toda a sua vida. Apoiado no beiral de uma das janelas, pude ver quando os ruídos da rua estamparam-lhe um sorriso no rosto. O menino, visto do alto, não tinha mais de 12 anos. Primeiro, o garoto olhou para os lados, depois subiu os olhos como quem tivesse algo a conferir naquele edifício, bem ali a sua frente. O Pai, mais visível, esquivou-se para a cortina, temeroso de algum confronto; pelo jeito, queria apenas que alguém ficasse com tudo aquilo, de maneira a gostar, a amar, acarinhar... E lá estava o menino, ora puxando da caixa um troféu, ora uma fotografia, ora uma medalha... Chegou mesmo a apanhar o porta-retrato do *Edwin Moses*. Abandonou-o rápido, por certo desconhecia o famoso atleta mundial dos 400 metros com barreiras... a *lenda-viva!*... O menino, agora, retirava da caixa um quadro emoldurado. O Pai, com a voz embargada, com os olhos marejados ali na sala, e sem se dar conta da minha irritante melodia, como se ignorasse a nossa presença ou nunca a tivesse percebido, o Pai soletrava, murmurando baixinho, de cor, emocionado, como se acompanhasse a leitura em voz alta pelos lábios do garoto: *“Conferimos o certificado de Honra ao Mérito ao atleta Jairo Santos Silva por sua participação nos 100 metros com barreiras...”*

O olhar do garoto voltou-se, outra vez, para o alto do edifício e, prudente, o Pai recolheu-se rapidamente no beiral. Mas, fora mesmo a medalha, aquela *cromada em ouro 18*, a de natação, que roubara o interesse do menino. Num relance, como quem subisse a um *pódio imaginário*, vestiu-a sobre o pescoço, e alegre como nunca, lá foi ele, feliz, rua afora, com a medalha no peito, simulando braçadas numa raia olímpica invisível... O sorriso do Pai, naquele instante, inundava o ar. Respirando emoção e entretido até a medula, o Pai só voltou a si diante da minha nova ofensiva, com as batidas fortes, estridentes e cortantes do violão, como a lhe dizer com o dedo em riste:

*“Vai ficar aí parado feito estátua? O estrago já está feito, agora é consertar ou quebrar de vez! Quem sabe, agora, daqui pra frente, você arruma um tempo pro seu filho e pra sua mulher, hein?”*

Depois disso, um longo e interminável silêncio se interpôs entre nós ali na sala. Em gestos lentos, lentíssimos até, o que o Pai nos fez, a mim e à Mãe, foi amargar uma culpa em vida, à vida inteira; o que o pai nos fez, foi carregar uma ferida exposta, eternamente, como uma chaga viva dentro do peito!... Um revide de pura vingança contra a nossa indiferença e descrédito em suas competições e conquistas. E ali, bem ali diante do nosso nariz, o Pai, como quem fosse subir ao pódio sob flashes, aplausos e uma chuva de pétalas... O Pai, do alto de seus 1,80 metros, e com a jovialidade de cinco décadas, tentou ainda, em prantos, impedir que os homens da Limpeza Pública brutalizassem suas conquistas, mas a voz soou-lhe débil, frágil, como um sussurro inaudível, mas desesperado... E naquele instante, ainda que a Mãe tentasse um grito impeditivo: “ - Não, Jairo, pelo amor de Deus, isso não!”, e eu, emudecendo o instrumento sob minhas mãos trêmulas, eu lhe endereçasse uma palavra profunda que clamava por tradução: *“Calma, Pai!...Calma, Pai!..Calma!”*; o Pai, como quem se preparasse para uma *enterrada* definitiva no garrafão, ou para *chutar* um pênalti sem qualquer chance de defesa para o goleiro, ou ainda, *cortar em diagonal* a bola suplicante da rede, ou quem sabe, num esforço sobre-humano, deixar à deriva todos os seus competidores na pista com barreiras, à *la Moses*... O Pai, silenciosamente, sem dizer uma palavra sequer, sem tréguas ao cronômetro da vida, num ímpeto de agilidade e impulso, lançou-se janela abaixo em busca de si mesmo; precisamente, trinta e dois metros e vinte e três centímetros, como atestaria a Perícia Técnica no laudo do exame necroscópico.

**NOTA:** As referências ao autor Machado de Assis são do conto “A Cartomante”.

## (2)“A SAGRADA FAMÍLIA”

Andrázio acomoda-se no sofazinho do quarto-e-sala. Pouco a pouco, incomoda-se arisco e com pena de si próprio. Corre os olhos pelo interior do quarto-e-sala da Rio Branco, o matadouro. Sabe de cor e salteado que já são horas de aparecer a *Zinhazinha* - Luciene ou Rosa Maria?. – Por instantes, a imagem da musa lhe foge do controle mental, então, pergunta a si mesmo, como quem falasse pras paredes ou pra janela semi-aberta, que escancara lá embaixo a vida que leva no aposento aqui em cima; Andrázio repete alto, bem alto, altíssimo: *é a sina!... é a minha sina!... a minha própria sina* – garante. Urra, o leão: são esses malditos rabos-de-saia que já no primeiro encontro me aparecem inventando o pretexto. Uiva, como uma fera: um Deus que me livre e me guarde de mim mesmo. Sua benção, meu Pai. Um Deus que me proteja e me guie e que me tire das lábias afiadas dessas *Zinhazinhas* - afirma temeroso, o pobrezinho.

- *Vem, Andrázio, vem conhecer a minha mãezinha, vem!...*

Andrázio escorrega o corpo pelo sofazinho sem o apoio dos braços. Segue andarilho no entorno do quarto-e-sala, enjauladinho, enjauladinho. Não há folga, pressente o incômodo entre as quatro paredes. A cara de anjo, anjinho dos catecismos refletida no espelho. Andrázio ajeita os cachos com o entrededo da mão no espelhinho cor de abóbora. Um presente da Mãe que vive jogado sobre a cômoda. O Pai que o esqueça – resmungo o herói. Defunto que descansa, o Velho. *Proibir a viola, pensava o quê? O quê?...* Então, eu não podia ser músico como tantos outros por aí? O Velho nunca teve a paciência com os violeiros. *Uns vadios, uns vadios!...* – dizia. Andrázio tenta pela milionésima vez livrar-se dessa lembrança que o acompanha... mas, consegue? Deus me livre e guarde que não quero pensar nessas coisas! – desconversa o herói. Não resiste, olha demoradamente pras mãos. A infância passou assim-assim, cortando um riscado. O diabo na cruz, o que sofreu, olhando a surda-muda da viola dependurada na parede. As mãos, ainda hoje, sentem a dor da gaze. Dez anos enfaixadas, a sina que teve. Quem repara bem, ainda vê que traz os dedos assim juntinhos. Irmãos Siameses. Dez anos com os dedos grudados e enfaixados, que era pra não tomar gosto pela sonoridade do instrumento. A viola que ficasse lá no alto – dizia o Pai. A Mãe tinha que cumprir, senão...

Enquanto se penteia, Andrázio pressente que as mãos não morreram assim tristes, antes, suicidaram!...- garante em soluços. Pranteia-se, por instantes demorados ouvindo o som da campainha. Rosa Maria entra e atira um olhar que fulmina e entontece o galãzinho. Lá vou eu, Marianinho – diz pra si mesmo, o pobre de Marré, Marré, Marré... Andrázio reitera, implicante: Lá vou eu guia de cego – balbucia molequinho, só pra se atentar. Andrázio desassossega um tantinho a mais. De novo um olhar sem jeito pro espelhinho cor de abóbora dependurado na parede – o presente da Mãe que nunca esquece. Os olhos miram os cachos – cachinhos de Anjo, Anjinho dos catecismos.

Confira o Senhor mesmo, insiste o desmiolado. Enquanto confere os minutos que andam, Andrázio ouve a ladainha que martela em seu ouvido. Andrázio jura com os dedos em cruz um *ora pro nobis* endereçado a essa voz mole-mole da danadinha. Voz macia e amolecida, a de Rosa Maria. Malemolente até mandar parar, feito o gingado de quem pede e suplica uma água de matar a sede. Água da fonte, pura e cristalina. Doce de gulodice, essa lábia-punhal que traz dois gumes afiados e que me ferem de morte – reafirma, impicante, o coitadinho. Andrázio ainda implora um perdão de culpa e paixão sem escolher o dia, a hora ou lugar.... Nesse momento... Ai... o grito explode. Reage aflito, o matuto. Ai... insiste em choringos sem fim, o heroizinho das galerias. Suplica um tantinho que dá pena a qualquer um: tenham dó desse coitadinho de mim - confessa o heróizinho de Sampa, numa lenga-lenga manjada de lamúrias e lamúrias.

Andrázio reitera tudo, tudo com os pingos nos is: os meus olhinhos caindo bem nas coxas de Rosa Maria. A boa vontade do vestidinho curto, solto, generoso, par-e-par com a bluzinha transparente; o doce balanço, os botõezinhos de madrepérola, a minha cocoirinha nas mãos sobre o tecido folgando leve, esvoaçante; uma transparenciazinha pouco a pouco liberada pelas redondilhas dos botõezinhos reluzentes... doze, onze, dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro.... Agora, agora livrar-se das últimas casas soltando os botões que se desprendem em contagem progressiva e ágil: três, dois, um!... Uma corrida no espaço, essa demora – o galãzinho sofre a dor e se derrama em prantos. Uns olhos atentos cronometrando e conferindo a contagem em replay: doze, onze, dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um... A seda fina, danadinha que só, escorregando livre e macia no colinho de Rosa Maria. O herói pede socorro. Grita por dentro e por fora, quase em desespero: essa mão boba que tenho – insiste - segue escrevendo em linhas tortas – vez em quando com as costas das unhas - displicentezinhas. Vou contornando os dedinhos na pele morena de Rosa Maria. As unhazinhas, aleatórias como a insensatez de um lápis, preenchendo com arte a brancura de um risque-risque sobre a escrivaninha. Ai de mim. Ai de mim – o herói sente o peito arfante. Surge no fundo, bem fundo, ultrapassando a rouquidão, uma dorzinha amorosa que perpassa a quinta vértebra da espinha dorsal. Andrázio engole as sílabas medrosas, e sem se dar conta, transforma-se em lobo manso. Um *cordeiro-de-deus* somando as contas de três dígitos, insatisfeito com o patrimônio. A dorzinha no peito beirando 39, nenhum verso maior, nenhuma frase maior... só os antibióticos!... O herói sente-se no fio da navalha. Uma fera enjaulada junto às esquinas entre o espanto e a xérox. Quem dera um demoniozinho pra fazer a *mea-culpa*, *mea-culpa*, *minha máxima culpa* - vaticina pra si mesmo. Esse, o maior dos perigos – prossegue temeroso - um tremorzinho de doença, os calafrios que lhe atacam o corpo. E atacam, atacam, atacam – desconjura o galãzinho, só meio a meio aturdido, sofrendo profundamente a dor que carrega pra sempre nessa hora da vida.

- *Mas, consigo dizer não, consigo?* - desarma-se, o convencido.

É visível. O herói sofre ao descrever com todas as letras maiúsculas e minúsculas a história daquele encontro. O pai de Rosa Maria – Andrázio faz questão de repetir a frase martelada pelo Velho: “ - *se me foge essa filha, vou até o fim do mundo atrás do filha da puta*” . O pai de Rosa Maria, continua o herói, o pai de Rosa Maria trouxera toda a coleção de bichos empalhados. O Velho descrevia – prossegue o herói – cientificamente, toda a fauna brasileira e estrangeira. Apresentava a esse leigo, um a um, peixes, papagaios, araras e gaviões, gaivotas e condores ...além de algumas espécies em extinção.

- *Esta aqui é uma Águia!... ave de rapina da família dos Aquilíneos. Águia-real, inglesa, é diurna!*... insistia com ar professoral, o danado do Pai, dando nota mínima a esse

sofredor que sou eu. Andrázio descreve com todas as letras minúsculas e maiúsculas a história do encontro. A mãe de Rosa Maria – O Anjinho faz questão de completar a frase da Mãe “ *É um moço bonito, filha, o que ele faz?* “ A mãe de Rosa Maria fritava os bolinhos. Receita de uma avó de Rosa Maria, dizia. Que eu esperasse – prossegue o herói - valeria a pena. Um nadinha de nada na demora. Só o tempo da fervura no tacho de cobre. Uma delícia, quando quentinhos - afirmou a futura sogra.

- *Vem, Andrázio, vem conhecer a minha mãezinha, vem!*

Esse, o pobrezinho que sou - repete o herói. Uma cara de anjo que não me livro. Repare você mesmo, insiste o desenxabido. Observe esses cachos, os cabelos anelados, cor de ouro, os contornos enroladinhos ... Um anjinho, um Anjinho dos catecismos, não pareço? Diga, tenho ou não tenho essa cara de Anjo?... Anjinho de catecismo, sou ou não sou? Pois essa é a minha sina cravada e esculpida nesse rosto emoldurado. O meu destino escrito em linha reta com essas *Zinhazinhas*. Ai de mim. Ai de mim com essa cara de anjo bom...anjinho dos catecismos!...

Rosa Maria bem que desconfiava, refletiu o herói, lembrando-se da Rosinha-magricela, a menininha da rua escura que esperava os moleques pra levantar a sainha. Ai de mim, o sinal que não entendi. O sinal da cruz. Um bobo-alegre o que sou diante de Rosa Maria. Dia desses, vaticina o herói, voltar a estudar. Aprender os códigos, os pingos e as letras. Finalizar o “Ginasial”, terminar o “Colegial”, e depois, aí, sim, a Faculdade lá na frente... O heróizinho lançou um olhar sobre a caderneta, um presente da Mãe, nunca aberta, jogada ali mesmo sobre a cômoda – O galãzinho arrisca uma outra mania que tem: *um dia ser escritor*, garante a si mesmo. Por vezes, Andrázio tropeça na própria história: por certo, confessa a si mesmo, por certo, Rosa Maria carrega um disfarce de pai e mãe nesses gestos que ignoro - lamentou-se, trístico, trístico. Segue analista: um jeito próprio que tem essa *Zinhazinha* com o movimento das mãos, do corpo e da mente: espertos, libertos, desprovido de códigos, movidos à perspicácia e uma inteligência que não lhe falta nunca. Nunquinha... Arre!... o herói reage em lamentos como quem sofre a dor de um parto. Um sofredor contumaz. O falatório que diz, agora, ganha ecos pelo quarto e sala: conversa sussurrada ao pé do ouvido nessa minha orelha de abano – justifica o eqüinozinho. Pecado em casa de padre, o aceno que não entendi. Vou de mãozinha dada com Rosa Maria; vou arrastadinho que dá gosto. Uma Rosinha-magricela na rua escura me esperando pra levantar a sainha no bem-bom – sorri eufórico. Um desejo que não ocupa lugar nem hora – confessa o ganhãozinho duma figa. Engano, insiste ele. Andrázio resolveu desistir do ato: vou corno – garante a si mesmo – vou corno, vou mansinho e infame, e por dentro carrego o carneirinho, um *cordeirinho-de-deus* à flor da pele. Deus que me livre e guarde. Creio em Deus. Creio em Deus Pai todo poderoso – benze-se duas vezes, o heroizinho profano; benze-se com os gestos articulados da sua primeira-comunhão orientada, diariamente, em sacrilégio pelo padre Milton Cruz. - aflorou essa lembrança, sem saber o porquê...

- *Vem Andrázio, vem o conhecer o meu quartinho, vem!*

Os botõezinhos de madrepérola, quem me dera. *Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa*. Rosa Maria seminua, e eu?... Malditos rabos-de-saia!... Sempre ao meu lado me atijando a família. A sagrada família, a ferro e fogo. Goela abaixo, o que engulo nessas horas. Esse ‘ar’ de coroinha, a nobreza que tenho. Sou mesmo um Marianinho de Igreja... - desconsidera-se, o troglodita. Diga, tenho ou não tenho essa cara de Anjo, Anjinho dos catecismos? *Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa*... Todo rabo-de-saia quer um santo em família.. Eu, eu quero a salvação. Um desapego que me livre dessa agonia que trago. Rosa Maria seminua, nua, nuazinha e insistente, a

taradinha... Um reino de Deus que me livre do pecado à minha frente.. Pobrezinho de mim com essa cara de anjo. Anjinho bom. Um *Cordeirinho de Deus* tirando os pecados do mundo. O quarto-e-sala da Rio Branco, a armadilha. O sofazinho de canto sem o apoio dos braços, a estratégia. O herói estanca a mãozinha boba, mas não resiste ao gesto. Rosa Maria sem os sapatos, libertando os gestos, o tempo e o estilo. Estonteante primavera de dois dígitos. Idade 19, 16 e meio, o corpinho. O sofazinho da sala, um tantinho inclinado, a armadilha do plano - confirma o herói. Um corpinho que se deixa, malemolente, ali, estirado e seminu. - *Ai quem me dera... os doze botõezinhos de madrepérola que meus dedinhos entreabrem* – suspira o herói. A blusinha de seda escorregando maliciosa, deixando ver a pele nua do corpo danadinho. A arte emoldurada - garante o safadinho a si mesmo. Os botõezinhos de madrepérola revelam-se almas gêmeas à espera de qualquer mão boba que ande, avance, oriente, caminhe, percorra, ensine, alise, rodopie e faça cócegas... O herói tremelica só de lembrar. – *Um Deus que me acuda* – sorri o convencido ali no quarto-e-sala na Rio Branco. O *minhonzinho* de coxas roliças no puro sorriso. Água na boca. Um estupendo *filé do Moraes*, esse manjar dos deuses – afirma o *heroizinho*. Comer com os olhos. *Rã à milaneza* do Parreirinha, o que aprecio por demais, reitera Andrázio, já saboreando os pratos. Hoje, hoje com Rosa Maria, matar a sede. Livrar-se dos botõezinhos: *doze, onze, dez, nove, oito, sete, seis, cinco...* ensaia o petulante. Rosa Maria sorri tagarelado aos quatro ventos:

“- *Alicinha, minha amiga, não vai me perdoar nunca, Andrázio...Eu, quase nua, a bem dizer, nuazinha, aqui contigo nesse sofázinho da sala, Andrázio! ...*

Um quarto e sala na Rio Branco, o matadouro. O sofazinho da sala com o assento largo, sem o apoio dos braços, o meu golpe – late, late, late, o ferino:

- *Ai, quem me dera!... Andrázio* esperneia como um bobinho de nascença.

Sou esse anjo de mim mesmo, sou um desmilingüido, um pateta com o corpo em brasa dormida e desativado dos nervos; esse é o meu calafrio que sinto na espinha. Os olhos do herói seguem testemunhas: indicam uma severa reflexão, coisa pouco comum diante daquela sua estupidez de sempre no dia-a-dia. Andrázio constata a cena final do encontro; agora, agora transformando-se numa besta emburrada. Um heroizinho mudo. O Anjinho em frangalhos, fora do tempo e lugar. *Bandeira a meio-pau!...* o galãzinho sofre um *dia-martelo* que bate, bate e bate, sem nunca atingir a poesia!...Quem dera o amor antigo, único, não esse, desconfiado, que trucidada em golpes de nocaute. Abatido, o heroizinho sente a força dos punhos de Rosa Maria em seu queixo de vidro. Ela, de pé, as mãos levantadas à espera do troféu. Ele, Andrázio, nocauteado, franzininho que dói. Um a menos na sua triste história de vida. Mil ao contrário. *Mil de tabaréu*. O herói, ali, debruçadinho sobre si mesmo; os olhinhos parados, pesarosos e suplicantes, teimando em ver os botõezinhos de madrepérola enviesados, sorrateiros e displicentes ao entreaberto lento e medroso das suas mãozinhas pouco ágeis. *Taradinho, o que sou!...*- tenta se convencer, o pobrezinho. Mas segue solitário, um homenzinho abatido no matagal da memória, engolindo seco os prantos de uma viagem sem volta. Leoa no cio, Rosa Maria. Os olhos certos, guardando no odre mil verbos à espreita, milhares, à espera de uma paixão fulminante e sem pressa. O herói, descaidinho, um surdo-mudo sem o dom de ler os lábios. Carente de linguagem, o infeliz. *Bandeira a meio-pau*. Rosa Maria nua, nuazinha...o herói, esse, sem gestos, sem estilo e sem jeito. Um tropeção na areia. O penúltimo dos espermatozóides. Um quase-homenzinho sentindo o veneno do BHC invadindo-lhe as veias – o herói aponta o braço – o esquerdo - Um veneninho lento, colorido de um azul-de-metileno que vai se espalhando, infiltrando sem dó e piedade nesse *ar* que tem e teima – raciocina insosso. Uma outra linguagem, o que



preciso - garante pra si mesmo, o que acha que necessita. Aos poucos, complementa o herói, julgando-se consistente - *sou mesmo umas sílabas que não se encaixam. Sinto e pressinto. Uma outra sintaxe o que sou: surda-muda!* - Andrásio comemora essa conclusão em silêncio profundo. Depois, sorri por instantes, mas segue enfezadinho, deitadinho em curva como um feto com a cabeça reclinada, apoiando-se nas almofadinhas de chita, amparado e acarinhado pelos doces afagos da donzela que lhe alisa os cachinhos de Anjo. O *Anjinho dos catecismos...*

### (3)DUELO SOB O SOL

O grito pra gente acudir o Divino lá no terreiro da Casa Grande chegou ainda com o solzinho da manhã. "*Diacho de homenzarrão*", pois não devia de estar lá no corte da cana com os outros!...Que diabos o *gigante* fora fazer lá no terreirão da fazenda? Pra todos ali no batente do corte, o Divino era tal qual um *gigante*, entretanto, naquele dia, eu com os meus doze anos, fiz a comparação dele com a *Santa Joana D'Arc!*... Era tamanha a coragem do *gigante* que, devagarinho, surgiu-me na memória as palavras do *Seo Marianinho*, da catequese: *A Santa Joana D'Arc tinha uma "Fé Inquebrantável!..."*. Pra nós, do catecismo, essas palavras, quando ditas, causaram um rebuliço na imaginação: "*Fé Inquebrantável*"...E Seo Marianinho usava essa força mágica pra nos orientar, dizendo sempre que a Santa Joana D'Arc era movida pela fé, e fora com fé que aquela *menina-mulher*, nascida em *Domrémi*, na França, no ano de 1412, liderara o exército francês contra os ingleses.

Do Divino, que todos ali conheciam, diziam que lá pelos treze anos, ele cismara de ouvir uma voz, tal qual a que a Santa ouvira. *Voz de quem Divino? De quem?...* Ao que ele se entretinha a dizer que estava ouvindo, estava escutando, mas não sabia soletrar. Não entendia aquela voz estranha. Quando isso acontecia, assim ficava o Divino: meio que jogado num canto, ao pé da árvore, até que o "*surto*" passasse. Digo "*surto*" porque o Divino era medicado com o tal do *Gardenal*, remédio indicado pra quem "*sofia dos nervos*"- diziam. Por isso, em se tratando do *gigante*, nós, os meninos, apenas dizíamos: "*Ah! é o Divino, de novo!...Deixa ele, logo passa!*".

E o Divino era assim: o que tinha de estranho, e de grandalhão, tinha de bom, era a bondade em pessoa. Ajudava sempre a quem precisasse. Buscava água, enxotava os marimbondos, afiava as enxadas e os facões. Um dia veio lá o Divino, com aquele seu vozeirão de trovoada, recitando um palavrório desconexo. Da sua boca saía aquela sonoridade impulsiva e estranha: "*as palavras são obras de Deus... mas são também obras de um demo; não vê lá quando eu digo "iscumungado"... E "iscumungado" não tem uma parte com o coisa-ruim? Ora, se tem!... E não é "iscumungado" quem me aprepara a degola?!(\*)*".

Instantes depois, aquietava-se o Divino. Quietinho como um *cordeirinho de Deus* a sentir na própria pele a punição pelo deslize cometido. E assim, em instantes, retornava com o facão ágil e forte de volta à lida. Naquele dia, sem que se soubesse o porquê, Divino

largara o corte, ainda bem cedinho, e escapulira rumo à Casa Grande. Alguns juravam que ouviram da boca do Divino, “*que hoje era um dia de Liberdade*”. Mas, ninguém ali botava tanta fé no atarantado Divino. E nós, ainda crianças, a gente trucidava, alegremente: *Nem te ligo, gigante!... Nem te ligo!...* No entanto, fosse o dia da voz de Deus ou de um grito rouco do Diabo, o certo é que o Divino, como uma ovelha desgarrada à procura de outros campos verdejantes, preparou-nos todas as letras naquela estranha manhã, com as tintas vermelhas do sangue.

Ao aviso, corremos todos pro terreirão!... Já era possível ver o Divino lá no alto da Colheitadeira de grãos; aquele maquinário imenso e colossal que acabara de chegar na fazenda havia três dias. Era um maquinário moderno e novo por ali, e por isso ainda causava estranheza naqueles campos de cultivo... Lá em cima, sob o sol escaldante, luminoso, víamos nas mãos do Divino, alguma coisa que muito bem não se via. Uma arma? Uma foice? Um facão?...

O Divino parecia fazer uns passos de ataque e defesa, subindo, pulando, jogando as pernas, avançando e recuando, e de tempo em tempo, insistindo nos gestos de bater forte num lombo sem dó nem piedade! ...*E bater em quem? No invisível?...* Divino arriscava passadas longas e a gente enxergava o Divino cada vez mais alto...Ele, o gigante, pé por pé, apoiando-se no contorno das ferragens, procurando alcançar o topo como quem subisse às nuvens para alcançar o céu. Da sua boca, ouvíamos aquela conhecida sonoridade grave, tonitruante: “- *O que farão sem os montes de ferros?!...Terei fim, mas o espaço, não!.. A luta, não!... A sorte está jogada, mas jogada por mim!...*” (\*). Quem há de saber, se ouvíamos aquilo ou se inventamos?

Nenhum de nós confiava tanto no que se passava ali no terreirão. O Divino, lá no alto, parecia ganhar uns jeitos outros, assim meio espevitado, assim como um guerreiro ousado e sanguinário... ou a gente via, via?... Nas mãos do Divino, o que antes um facão, a foice, agora mais parecia um aríete potente, impiedoso, não fosse apenas um cabo de enxada aparado. Forte. Feito à mão, liso!... E Divino, o gigante, um porta-estandarte, um guardião rodopiando em pleno ato, tendo nas mãos uma longa espada de prata a trespassar a carapaça dura daquela sua montaria - a Colhedeira, a Colheitadeira de grãos. Ele, Divino, o enviado dos deuses, com a sua *fé inquebrantável*, subira ao céu pra combater o inferno na terra: a Colheitadeira, a Colhedeira de grãos!...

Em silêncio, entreolhávamo-nos, todos. Dona Felicidade, a turmeira mais velha, de terço na mão, rogou-nos a oferenda de uma Salve-Rainha, Mãe da Misericórdia... Divino, lá no alto, os braços abertos em cruz, a nos indicar o alvo com a sonoridade potente de um grito: “ *Se houvesse inferno, haveria de ser para reis e poderosos que se sustentam do trabalho alheio*” (\*).

O vozerio profético do Divino ecoava com endereço certo, pois todos ali, os boias-frias, temiam que o maquinário lhes arrancasse o emprego e o pão nosso de cada dia. Então, como numa guerra, um duelo de vida e morte sob o sol, Divino arvorou-se contra o demônio, contra o descomunal, contra o portentoso. Na sua mão, o punhal, o cabo da enxada, o aríete, o varapau, prontos a atingir e a deitar por terra, quem por ventura lhe roubasse o ganha-pão, o salário, o brio, o orgulho, a honra e o sustento da própria vida. Nossos olhares, como fossem um só, rodearam imobilizados a Colheitadeira. Lá em cima, banhado pela luz do sol, Divino expunha-nos as suas chagas vivas. O maquinário gigante, o lobo vencedor, bravamente, resistira aos ataques insanos da sua fúria. Divino, no alto, curvado sobre uma abóbada de ferros, preso às pontas das ferragens, atingia uma angulação dolorida em nossos olhos. Ali, a gente toda sabia quem era o boia-fria Divino em seus delírios. No entanto, lá em cima, trespassado pelos ferros da Colhedeira, de onde respingavam incessantes gotas de sangue, aprendíamos a ver e a olhar o astuto *lobo metálico*, de onde os homens do canavial, a duras penas, tentavam

alcançar o Divino, para retirá-lo das farpas traiçoeiras e pontiagudas que o perfuraram até a morte.

Referência incidental: (\*) A Canção da Nossa Gente – Eduardo Galeano – Ed. Paz e Terra

#### **(4) OS BÊBADOS NÃO DESCEM AO MEIO-FIO IMPUNES.**

**- CAÍ!...**

A palavra vinha-lhe seca e sonora como uma queda abrupta. Um *ora pro nobis* repetido em penitências, a ladainha. O andarilho bêbado, em andrajos, corpo arqueado, cambaleava junto ao meio-fio como quem fizesse a revelação pública de um pavor íntimo, guardado ou escondido – O homem segurou o tombo com um inevitável abraço surdo, encaixado no ereto poste da rua; seus olhos esbugalharam-se silenciosos, mas amarrotados como um *mangá* humano, desenhado à revelia e na diagonal, com obscuras perspectivas e pontos-de-fuga. Uma realidade virtual e desconhecida, o labirinto de um porvir estampado no rosto ébrio.

**- CAÍ!...**

Estanquei-me sem qualquer razão mais aparente, o meu costume diário, ali na lanchonete do Ananias. Um boteco de esquina, tal qual esses a quem chamamos de *pé-pra-fora*. Posicionei-me junto à porta para algo inevitável, entretanto, pressentido, bem ali, à minha frente: o bêbado repetia as sílabas insistentes, delirando nomes e datas e feitos e fatos que, aos poucos e a rigor, situavam-no num setor de serviços de uma empresa ou uma indústria qualquer... Um operador de sistemas?... Quem sabe um atendente?... Um Chefe de Setor?... Um Coordenador de Área? ... O próprio Diretor?... O que se via, ali, no entanto, era o improvável desafio do bêbado entre o seu esvair do mundo corporativo e o avançar junto ao grupo esquálido, que supostamente, o esperava na outra margem da rua. Quem seriam, para ele, aqueles andarilhos urbanos, mendigos, ajuntados ali, e sem-moradia, em meio à calçada crua sob a marquise protetora?... As mãos do bêbado, automáticas que foram, revistaram, inutilmente, os bolsos fundos à procura de algo. Afundaram-se, ambas as mãos, em busca do avesso, do avesso, do avesso. Seria um celular?... Uma agenda eletrônica?... Um caderno de anotações?... Um *laptop*? O *lphone*?... Como eu, ali presente, quem o visse, naquela medida de distância, logo entenderia: “*era urgente e/ou urgentíssimo comunicar o atraso sobre a importante reunião da qual deveria participar... Quem sabe, talvez, coordenar?*”...

Os sons embolados – numa sintaxe irretocável e irreconhecível - formavam um emaranhado de vozes e nomes e datas e tarefas e projetos, como fossem uma linha cruzada em línguas diversas: as palavras, todas, soavam ali, irrealizáveis, soltas e

desconexas, todas elas carentes de uma história que haveria, por certo, de existir. Diante do pânico e temor de um passo em falso, os gestos do bêbado fixaram-se, estáticos, nas minhas retinas, elas, sim, turvas e impacientes....

**- CAÍ!...**

Agarrado ao poste, o andarilho bêbado experimentava o horror das alturas, vociferando um ódio mortal pelo desnível assustador entre a calçada e a rua. Estava escrito, ali, o prenúncio de uma queda naquele pequeno vão livre de poucos centímetros que lhe ensandecia o corpo e a mente: o drama de um pacote solto por um guindaste, a despencar sob os olhos desesperados dos tripulantes e estivadores na imensidão do cais do porto. Como um arbusto que se alastra, criando contornos próprios e de defesa, o bêbado estendeu seus braços e os pés em forma de uma concha num sinuoso movimento de cai-não-cai: agulha e linha de uma fábula contemporânea, o bêbado e o poste. O poste e o bêbado. O corpo torto costurando o invisível tecido urbano, entrecortado pelo trânsito intenso e feroz de um dia nada comum. A voz do bêbado vinha do fundo, arrancando o grito e o sangue, penalizada, temerosa, como a suplicar uma volta atrás, ainda que sofredora ou acolhedora... Retornar, quem sabe, à empresa?... Voltar, talvez, à família?... Reassumir o antigo Setor Contábil?... Criar novas metas para as equipes de vendas?... Preparar o novo programa de pós-vendas aos clientes?... Em seu silêncio regrado, o bêbado não disse: Recuperar a mim mesmo!... Talvez, tenha jurado com os dedos em cruz, ou apenas fora o que eu mesmo entendi, sóbrio, lúcido e necessitado desse gesto honroso para o homem à minha frente.

**- CAÍ!...**

O andarilho bêbado enfatizava o som intransitivo junto ao meio-fio. Corpo e voz sintonizados vivos naquela epopeia urbana. Um rosário de lamentações, o delírio. O vocabulário bêbado reduzido ao único e inevitável verbo. Interjeições e complementos mantinham-se ausentes como num suicídio premeditado, sem cartas de explicação dentro de gavetas, ou escondidas em caixas camufladas no interior de um armário. O bêbado adia, a olhos vistos, o seu inevitável tombo. Nenhuma interjeição pra resistir-lhe o peso. Um passo-a-passo para o abandono do emprego e a demissão por justa causa. Seria o Jorge, aquele do turno da noite?... Não, o Antônio, o da logística, do setor de trâmites com o Brasil Central?... Ele?... Ele mesmo?... Será?!....

**- CAÍ!...**

Os bêbados não descem ao meio-fio impunes. O medo do estatelamento e o baque fatal são o preço do pedágio. A palavra exata e coesa traduzia-lhe a derrocada vertiginosa do topo de uma pirâmide. Gole após gole, o peso do corpo fragilizando-o diante das salas frias e burocráticas. O entra-e-sai durando a eternidade. O bêbado persistia naquela frase completa, que por si só se desfazia num arriscado voo no universo plano. Corpo e alma simplificados naquela oração enfática, reiterada ilegível e insistentemente. Os bêbados não se arrastam às pedras sem a sonoridade. Decibéis inaudíveis, o grito agudo - a cara no chão! No leito asfáltico, os veículos acentuavam o movimento da cena. O pânico do meio-fio surgia-lhe como uma inacabável ampulheta. O andarilho bêbado, ali, à minha frente, ao rés do chão, capaz de segredar-me data, hora e o lugar que lhe valeram a queda no abismo: as odisseias intermináveis pelos corredores e salas ouvindo, insistentemente, sermões, refrões e lenga-lengas, que lhe soavam como uma punhalada pelas costas: Entre, Senhor Fulano, estamos esperando, entre!.. Venha, Senhor Sicrano... por aqui, me faça o favor!...

**- CAÍ!...**

A derradeira palavra, a mesmíssima, soou-me, agora, abafada, como uma queda à distância. O bêbado ergueu-se com o esforço possível, graças à força do seu pé de apoio. E, resistente, com quem se lançasse às últimas energias diárias, arranhou o poste como uma parede nua, em que se abrem frinchas profundas. Soergueu-se, olhando-me incisivamente. Olhando a mim e o nada. A rua inteira e a ausência. Olhando a rua e ninguém. A calçada e os vultos. As pessoas e o vazio. Os veículos e o espaço inútil. Os passos em falso do bêbado, ambos, juntos, atiraram-no à rua, à frente, ao meio fio, na medida exata do chão duro... O baque certo do ônibus encarregou-se do sucesso da empreitada. Os bêbados não descem ao meio-fio impunes. Em meio às vozes e burburinhos, ouvia-se sucessivos apelos para o número do *carro-resgate*, dito em tom de insistência e desespero pelos celulares mais próximos. Ainda sob o som de sirenes cortantes, aproximei-me da cena com o desconforto possível. Réu e testemunha, abri espaços entre a aglomeração para um último olhar sobre o andarilho, que mantinha os olhos esbugalhados e estáticos e diretos sobre mim, como quem passasse às minhas retinas, agora, um enunciado completo, escrito a mão, com todas as letras, sílabas, frases e o significado completo da sua história. Sou ali, então, seu prisioneiro... um cego, surdo e mudo, reverenciando uma tragédia anunciada, sem me dar conta sequer de como desviar desse caminho inevitável...

## **(5) DUELO SOBRE A MESA**

Um dos peritos, impressionado pelo fulgor do embate, chegou a citar, textualmente, “o *caótico rio de pedras*”, narrado pelo escritor Umberto Eco\*. E não sem razão; há de se acreditar, insistia o perito, que no auge desse enfrentamento imperioso, o interior de ambos seguia em contínua ebulição, revelando uma torrente furiosa, tal qual uma “correnteza de grandes rochas informes, placas irregulares e cortantes como lâminas, e amplas como pedras tumulares (...). Aos olhos do perito, fora assim o duelo entre Dona Branca e o Professor Pio. Quem os conheceu no dia a dia informava que as desavenças entre ambos, não raro, surgiam após um silêncio profundo; nessas horas o ar ficava pesado e fazia brotar, às claras, um rancor íntimo desencavado. Acredita-se, informam os peritos, que esse conflito pode ter sido acentuado pelo toque de se recolherem ao lar, uma vez que integravam o grupo de risco imposto pela Pandemia. Foram encontrados, ali, sentados, frente a frente, na mesa da sala; cada qual em seu canto com a cabeça curvada e apoiada sobre o braço; o olhar de cada um deles parecia, certamente, dirigido ao outro. Lá estavam, inertes, até a descoberta. Cansado de ligar para os pais, o filho informou ao Zelador do prédio, e este, pressentindo algo estranho, levou o caso à polícia, que, instantes depois, solicitou a abertura do local e posterior autópsia. O casal vivia há muitos anos naquele prédio do bairro. Ela, uma antiga professora de história; ele, ex-chefe de laboratório de biologia da faculdade, onde se conheceram ainda bem jovens.

A perícia técnica apresentou anotações, laudos, infográficos e fotos, destacando um considerável número de Palavras Cruzadas abertas; um Volume *sisudo* de cor marrom; dois Dicionários que, pelas digitais, disseram os peritos, o Caldas Aulete seria o da Mulher, e o Aurélio, o do Homem. A perícia indicou que as sandálias da Mulher deixaram rastros. Observou-se que teria se deslocado até à cozinha, onde tomara café na térmica; depois, deteve-se na estante da sala, de onde retirou o Volume marrom, que destacava na página interna: *“Instrumentos de Guerra da Antiguidade”*. Segundo a perícia, tratava-se de relatos sobre estratégias dos antigos exércitos, como o *“Apito da morte”*, descrito, ali, como *“um objeto sonoro criado pelos Astecas, que simulava estridentes gritos de pessoas em sofrimento, induzindo os adversários a um estado de transe desesperador.”* Apanhado o livro, Dona Branca se dirigira à mesa do embate. Então, ali, o duelo teve início para ambos. Cada qual com os seus compêndios de Cruzadas. Segundo os peritos, era quase possível “ver” a agilidade da Mulher no desafio das verticais e horizontais, sem tréguas ao adversário; indicaram ainda, que, em determinado instante, os olhos da Mulher foram ao encontro dos olhos do Homem. O abalo causado por esse olhar, disseram eles, fragilizara o oponente. Na praça de guerra, o espalhamento das revistas acenava com que a estratégia do Homem seguia rápida com rigorosa atenção nas armas de combate. Ao Homem, fortaleciam-lhe as publicações relativas a filmes, teatro, música, biologia e literatura química. Novamente, “pressentia-se” a voz da Mulher de forma explosiva no território da disputa. Podia se ler, com clareza, uma das perguntas: *“Animal mitológico associado à virgindade, tem a forma de um cavalo com um único chifre frontal?”*. Bingo. “Unicórnio”. Assim assinalara a Mulher. Ao Homem, restava-lhe o sofrimento frente à pergunta quase sussurrada: *“- O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo?”*. Segundo os peritos, os sinais mostravam, vivamente, que o professor Pio estancara-se com a caneta no ar; pois sentia, naquele embate infernal, a Mulher apontando-lhe as armas de Guerra. Aquelas tamanhas e poderosas, como a Catapulta, arma de ataque capaz de quebrar barreiras dos homens, especialmente, os encastelados e protegidos em cidades muradas. Haveria de destruí-lo, caso ele persistisse. Lançaria sobre seu adversário as mais potentes armas, que haveriam de liquidá-lo no interior do palácio. Recuasse, portanto, ou então, receberia o golpe mortal: haveria de lhe atirar a maldição das esposas incompreendidas!... Para os peritos, a mente do Homem dirigira-o para a área química. Ou ele a superaria agora ou haveria de viver a maldição das esposas abandonadas. O Homem sussurrava, exalando suor frio. Ele sentira o baque. Doe-lhe a força desse punho gigante da Mulher à sua frente. Por isso, olhava, agora, de dentro do seu próprio silêncio, para dona Branca, enquanto lançava mão do seu Aurélio: *- O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo!...* No entanto, as tentativas se mostraram infrutíferas e o silêncio fora quebrado, apenas, pela retórica ascendente da Mulher. *“- o Santo Graal também é chamado de.....?”*. Neste ponto, os peritos adicionaram ao laudo: *“na sala avolumada de silêncio, podia ser percebido os contornos grandiosos dos olhos do Homem e da Mulher, como fossem eles, Dona Branca e o Professor Pio, os guerreiros autênticos das antigas Cruzadas, os soldados de Cristo.”*. Então, enquanto a Mulher já se debruçava nos desafios da sua *Coquetel Super*, um certo vazio se instalava no ambiente. Agora, as horizontais da *Passatempo* do Homem pediam ajuda aos deuses da sabedoria: *“- Trepadeira comum em muros - com quatro letras? - A flor da idade, no sentido figurado - com nove letras?”*... Enquanto o Homem entendia a necessidade urgente dessas respostas, ela, a Mulher, garantem os peritos, ganhava distância a olhos vistos. As palavras cruzadas exigem mais que uma brincadeira - ironizava em seu silêncio - como se mostrasse a ele, ao Homem, que as Cruzadas não brincam. Então, a Mulher preparou-lhe um olhar fulminante repleto de força bruta sonora: *“Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto, lutamos mal rompe a manhã(\*\*)”*. E tomada pelo poder dessas palavras ditas, eis que, então, sob suas mãos,

elas, as palavras, ganharam formas definidas de ataques: primeiro as pontiagudas, depois as cortantes, e por fim, as explosivas... E assim, a Mulher lançara, inapelavelmente, sobre Homem, os seus *escudos especiais*. Ao Homem, restava-lhe manter a distância adequada para não ser ferido de morte. Mas para sua festa surgiram os filmes, teatro, música, artistas e afins. O Homem sorriu largo, pois, se sentia no páreo; E assim seguiu ele, devorando com gulodice as suas anotações: - *Em que cidade nasceu Yusuf Islam ( conhecido como Cat Stevens?) - Qual série de TV tinha como protagonista o Ator Peter Falk? ...* Como previsto, o Homem avançou três compêndios e cinco páginas, mas ainda era pouco. No entanto, com o *rabo-dos-olhos* ele percebeu que a incomodara. A Mulher, ali, embatucara-se diante dos símbolos químico...Ele ouviu, sim, a ênfase retórica, insistente, carregada de nervosismo: - Enxofre?... Lítio?...A mente não lhe faltaria nessa hora – sorriu triunfante. A toxicidade das substâncias químicas dançava à sua frente, como um gás mostarda, cloro, ácido cianídrico... mas ele, ali, definira-se pelo *Napalm* - O gel pegajoso e incendiário usado nas guerras trágicas do Vietnã, Laos e Camboja... porém, confessava a si mesmo que não viveria a dor do engenheiro Jeff O. Stanford – Chefe do Laboratório Químico dos USA, responsável pelo envio do *Napalm* às frentes americanas que, diante do grito antibélico do mundo, e culpando a si mesmo pelo genocídio, suicidara. Assim, a Mulher, novamente, ganharia a dianteira: - *Península que abriga a Grécia e a Croácia? - Nome de Deuses da Mitologia Grega?...* E então, decidida a trucidá-lo, sem perdão, tomou para si as armas decisivas. Com destreza e maestria, Dona Branca apossara-se dos *Estrepes e Culverins*; segundo os peritos, “*armas medievais atiradas contra a cavalaria inimiga*”. Desviando desse campo minado, o Homem titubeava em seu abecedário: - *Substância encontrada em vegetais, de grande importância para o funcionamento do intestino?* Os passos seguintes formariam a barreira implacável. O Homem sofria a cada pergunta que preferia não ouvir: - *O maior império do mundo (em duração)? - Rei pagão denominado pelos judeus como o Messias?...* As muralhas e fortificações, postas ao chão naquela guerra, levaram-no à rendição. O ar, agora, lhe faltava – disseram os legistas. Portanto, febril, cansado e ofegante, ele se acomodara sobre a mesa, com a cabeça inclinada no braço curvado, e o olhar, certamente, dirigido às pupilas da Mulher. E então, a Mulher, com sua respiração traumática naquela batalha sangrenta, em que vencera o homem encastelado, numa luta silenciosamente inumana, reconheceu no antagonista, conforme a perícia, um guerreiro, alguém de valor e à altura, o que a levaria à rendição definitiva. A ausência do ar, agora, sufocava a ambos – disseram os exames. Portanto, também ela, Dona Branca, acomodara-se na mesa com a cabeça inclinada e o olhar certamente dirigido às retinas do professor Pio!... Fortalecendo a narrativa técnica, o perito retomaria o “*caótico rio de pedras*”, criando, aleatoriamente, um apoteótico final: “*nenhuma voz humana podia se fazer ouvir naquele instante fatal sobre o duelo na mesa; embora ambos, ali, tivessem o desejo de falar, de se despedirem de toda a carga de emoção que arrastavam consigo, não conseguiriam. O ‘rio de pedras’ interior que os conduzia, enfurecia-se cada vez mais, levando tudo ao redor para as invisíveis vísceras da terra, pulverizando cascalhos, blocos e rochas para exprimir, talvez, a impotência maior do Homem e da Mulher frente ao embate do vírus vencedor.*”

Nota: (\*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(\*\*) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond de Andrade.

## (6)“FINAL DOS TEMPOS”

Se me dissessem que há pouco a se dizer de *taxistas de frota*, eu não poria a mão no fogo. O detalhe é que o táxi que dei sinal vinha junto à pista do meio-fio. Pois foi aí que o *taxista de frota* acelerou e se “jogou” à frente do veículo, forçando uma manobra arriscada, e por um triz, um acidente. Duas buzinadinhas curtas deram a ele, o alibi de que necessitava. O que fazer?... Entrei e foi o que se segue:

“Quando vi o *distinto* aí no meio-fio, falei comigo, o *cidadão* tem pressa... por isso, o *doutor* estranhou que eu cortei a frente do colega; pois, fique tranquilo, *doutor*...taxista é irmão de sangue, *doutor*, uma mão lava a outra, ele entende!... Hoje, hoje em dia, o cidadão dá o sinal, e o *doutor* pensa que é fácil atender rápido? Engano, *doutor*!... se a gente marca bobeira, vem de lá um *motoqueiro*, um *japonês* no volante, uma dondoca.. Olha lá, olha a figura, *doutor*... é a terceira idade, *doutor*...Hoje tem velhinho com mais de 80 grudado no volante... Esse aí mesmo, *doutor*, tem ou não tem o pé na cova? ...Se a gente não é esperto, esse povo toma o lugar do taxista, *doutor*... Olha lá, doutor, olha lá, *mulher* no volante!...Essa *mulherada* de hoje, *doutor*, se o cara dá um mole...”

Hoje é o fim dos tempos, *doutor*... Quer um pai abusando da filha?...Tem!....Quer filha matando a mãe?... Tem!....Olha lá, olha lá, *doutor*, olha lá o Vovô careca, *doutor*... merece ou não merece um susto, *doutor*?...” - *Sai da frente, ô, coroa!...essa pista é pra 120...*”

O *cidadão*, o *doutor* aí, pode até fazer um mau juízo meu, mas posso lhe jurar, passageiro meu, entrego são e salvo no destino, *doutor*!... Se tá comigo, tá com Deus, *doutor*!... Nessa vida um come o outro, *doutor*... Olha, *doutor*, olha só a *branquela* gostosa, *doutor*!... “ - *Quem fica parado é poste, sua safadinha... Isso é quenga das boas, aposto!*...” É o fim dos tempos, *doutor*... olha aí, escuta as sirene... tem ambulância que não acaba... e tem doente lá dentro, *doutor*?... Tem nada!... e no cemitério, *corona pra cá* e *corona* pra lá... mas no caixão tem morto?... tem é nada!...pura enganação, *doutor*.. Invenção de chinês pra dar dinheiro pros empresário, *doutor*.. Que *corona que nada*...Espreme aí um limão com vinagre no copo e fim de papo!... Hoje, hoje em dia, a polícia pega o bandido e depois vai e solta ...E não tem lá esse tal dos *direito humano*? ....Isso é direito pros bandidos, *doutor*! ... O delegado Alvarenga tava certo, *doutor*... mandava logo os bandido pra *chapa-quente* e pronto, não sobrava nem cinza, *doutor*!... Hoje, se o Polícia levanta o cacete, já pega uns dois anos de afastamento... É o tal dos *direito humano*, *doutor*... Olha lá, *doutor*...esse cruzamento é *um inferno*, *doutor*!... Todo dia essa *dona* aí, sentada, com o menino no colo, traz a molecada pra pedir no farol, aluga menino, *doutor*!... Vai por mim, ganha mais que *Barão*, *doutor*!...O senhor vê, se ganha *um real* por menino, ó, seis, conta lá...*seis real* numa piscada do farol vermelho, agora o *senhor* me diga, e no dia inteiro, quanto isso não dá?... e em 30 dias, então?!... Olha lá, *doutor*, o Vovô careca passou, não é? ..Vou ficar na tua cola, Vovô...*quero 130...Não arrega, hein!*...



Ô, gatinha *mequetrefe* esses *pedestre*, doutor!... ali tem uma baita duma passagem na frente, com escadaria e gradil, mas, não, eles tem que se enfiar bem no meio dos carros, até o aleijadinho, olha só, *doutor!*... “- Ô *Aleijado, sai da frente!*...Isso aí, nem aleijado é, doutor, pode apostar!..”. Eu queria um *Bruto*, doutor... O *doutor* sabe o que é um “*Bruto*”?.. Um caminhão “*truque*”, um *pesadão*, *doutor*, rodando dia-e-noite nesse Brasil afora... Na boleia, cama e colchão... O doutor sabe, motorista é igual marinheiro, uma mulher em cada posto...Um *bruto*, doutor, igual o do filme, o senhor viu?... aquele, o *Encurralado*, passa no *Corujão da Globo*, *doutor*; o motorista fica só na espreita pra jogar o “*Bruto*” pra cima dos otários....*Eita, caminhão da porra!*... Olha lá, *doutor*, olha lá o Vovô careca... “- *Ah! careca, não vai dar uma de cagão, hein!...não muda de pista!...Não arrega, careca!*... Ô, *meu Deus, não arrega, não muda de pista...Não faz isso, Vovô.... Ai, meu Deus*, vai bater, vai bater... Ô *Minha Nossa Senhora!*... *Careca imbecil!*...”

O *doutor* aí, o *cidadão*, o *distinto* aí viu tudo, não viu?...E eu lá tive culpa, tive? ... cansei de dizer ...*careca não abusa...* O *doutor* aí viu tudo...eu cantei a bola, *careca não arrega, careca não sai da pista...* O *cidadão* aí viu, viu tudo... O taxista, *doutor*, vê de tudo, mas finge que não vê... A gente viu tudo, mas faz de conta que a gente não viu nada!... Hoje é o fim dos tempos, doutor... Pois foi o que eu lhe disse... se tá comigo, tá com Deus, Doutor!... Um dia ainda compro um “*Bruto*”, *doutor*, um “*Possante*” *daqueles*...Eu ali na *boleia*, o *rei da estrada*... Um *Mercedão*, *doutor*... e aí solto a banguela... e vou indo, só indo, só indo...”

Enquanto o taxista falava suas últimas frases, lembrei-me da predileção que tenho pelos nós de gravatas. Que ninguém pense que sou um principiante. Sei de cor e salteado como fazer um *four-in-hand*, o coringa dos nós; tenho um jeito sem igual para o *semi-windsor*, um nó mais cheio, encorpado... e então, ainda no carro, com um sorriso imperceptível, fui elaborando o nó *semi-windsor* à imagem e semelhança de uma forca. Exatamente. Uma forca impiedosa, e favorável para a minha posição no banco traseiro; um forca capaz de silenciar, de vez, aquela voz que me latejara os ouvidos... Confesse, caro leitor, o que faria você, caso ocupasse o mesmo banco no táxi, e lhe fosse dada essa mesma habilidade de que disponho?...

## (7)“GALO-DE-BRIGA”

*Seo Raúl* sempre tenta ser alguém. Alguém imprescindível. Um soberano. Homem invencível como um galo-de-rinha que sonda e estuda, pacientemente, seus antagonistas e os limites da contenda. As mãos levantadas à meia altura nunca param quietas. Gesticulam sempre. Querem falar, explicar, pedir passagem. Até parece serem elas, as mãos, quem nos relata as suas peripécias. *Seo Raúl* tem o dom de narrar tal qual uma *Sherazade* prolongando a vida nos contos das *Mil e uma noites*. E se narrar é viver, *Seo Raúl* vive de narrar, acreditando que de um pedaço de madeira faz surgir o seu *cavalo-de-pau* para lhe garantir o sentido da vida e da própria existência.

Ali está ele; *Seo Raúl* está no centro da roda com as mãos levantadas à meia altura. Ora balançam, ora oscilam e gesticulam aquelas mãos. *Seo Raúl* é um homem de estatura

baixa, um tanto alquebrado pela idade, o que o impede de fixar, como parece querer, os olhos de cada um dos seus interlocutores naquela roda; por isso, pede sempre ajuda às mãos, aos movimentos que ambas promovem diante da incrédula platéia. *Seo Raúl* traz no rosto um sorriso à Monalisa: Irônico. Alvar. Piedoso. Sarcástico... Um sorriso sem ruído algum, o que faz a gente pensar que nos dirige, sempre, um ar de deboche. Quando ri, parece rir da gente; os dentes pouco aparecem; quando fala, porém, a boca deixa ver o amplo e reluzente esmalte dos postigos; os cabelos, esses denotam a maior parte dos cuidados. Rebrilham como uma luz negra de tons variados. Pretíssimos. Azuis. Metálicos... E aos setenta anos, completados recentemente, estão todos lá, os fios. Quem os olha nas tardes regadas a *churrasco em família*, vê ali um “*azul da meia-noite*” a rondar aquela cabeça. Madeixas negras, negríssimas. Os dentes reluzem num lusco-fusco. Mas são as mãos que sempre roubam a cena. Vez ou outra, percebe-se, nelas, um rodopio sutil e dissimulado; as mãos parecem agarrar alguma coisa que a gente não vê, não enxerga, não entende, não atina. Quem o olha, assim, à certa distância, imagina que com os gestos daquelas mãos, *Seo Raúl*, talvez, implore por alguma coisa ou tenta realizar algo que não nos damos conta, nunca. As pessoas que dele se acercam, ora riem, ora fazem cara de quem não bota fé no que ouvem, e até lhe escancaram alguma piedade ou asco. É o caso do *Bajula*, um indivíduo escroto, dono de um risinho fino e estridente, capaz de irritar até quem passa ao largo da conversa. *Bajula* sempre se aproveita de qualquer deslize da memória de *Seo Raúl*, e com seu corpo magro, esquelético, ossos à vista, espezinha, espezinha e fustiga *Seo Raúl*, repetindo com a boca torta, como se falasse com a mão grudada nos lábios estreitos, emprestando ao tom da voz um grunhido de porta rangendo, e esticando, melosamente, as palavras, até onde dura o seu fôlego:

**- Coooonta outraaaaaa, velhinhoool!...**

*Seo Raúl* sabe que o *Bajula* é mesmo um escroque, um sem moral pra qualquer coisa; sujeito pequeno, com alma do tamanho da sola de um sapato; um indivíduo que vive de pedir favores a quem se apresenta acima dele, em qualquer posto ou emprego. Pois o *Bajula* não se fazia de tapete até pro infeliz do gerente Valdir? – mal sabia ele, que o homem, enquanto o *Bajula* vivia lambendo as suas botas – o gerente entrava de soslaio em sua casa, e com a desculpa de levar documentos e papéis pra *madame Bajula*, passava lá muitas e muitas tardes no bem-bom. Pequeno demais, o *Bajula*, não enxerga um palmo adiante do nariz - concluía *Seo Raúl*. É assim que age o infeliz *Bajula*. Como agora, enquanto *Seo Raúl* fala do tamanho de uma abóbora colhida, recentemente, no fundo do quintal. *Seo Raúl* fala e não titubeia. Faz cada um dos descrentes acompanhar-lhe os movimentos das mãos, que descrevem no ar desde a plantinha rasteira, passando pelo broto, pela flor, pelo fruto pequeno, pela abóbora em tamanho admissível, e depois... bem, depois as mãos desenham diante dos nossos olhos incrédulos, a abóbora colhida no quintal, que, de pé, atinge dois palmos e meio acima do telhado da casa. *Seo Raúl* aponta para o alto num gesto profético, como se ela, a abóbora gigante, ali estivesse... Não está, mas lá estão cravados, atentos como nunca, nossos olhos repletos de incredulidade. O *Bajula* - debochado que só - não perde tempo, inventa logo uma tosse comprida, infinita, como fosse um tuberculoso à beira da morte, e despenca a dizer:

**- Truuuco, Seo Raúl!....Truuuuucoooo!...**

O *Bajula* não se dá conta nem da própria vida. Endividado até a alma, vive das migalhas que lhe atiram as pessoas. *Seo Raúl* vê e tem ciência da infâmia do sanguessuga que vive, ali, rondando as suas estórias de vida; *Seo Raúl*, como sempre, está no centro da roda com o seu passo miúdo. O rabo-dos-olhos atinge de soslaio o *Bajula* – mas o peste, parece pressentir algo e evita o encontro desse olhar. Que vida teria o *Bajula* sem o riso disponível e permitido? Ali está o *Bajula*, novamente, esculhambando o *Seo Raúl*:

**- Cooonta outraaaaaa, velhinho!!!...**

Hoje, os olhos de *Seo Raúl* seguem o *Bajula* mais de perto, por isso sentimos que ele parece querer escapar do fogo cruzado e ardente daquelas retinas; mas, o *Bajula* está preso, indissolúvelmente, àquela roda dos homens. As mãos de *Seo Raúl*, levantadas à meia altura, gesticulam e se dobram ao ritmo lento e cadenciado das suas estórias. Suas mãos, como sempre, voam ágeis, velozes, e andarilhas que só, parecendo nos fazer crer que lutam por algo acima daquela vidinha pequena diante do nosso nariz... e que hoje, ali mesmo, teremos a revelação, descobriremos o mistério... *Seo Raúl* ri, debocha, parecendo, ele sim, tratar com escárnio a todos nós. Por vezes hesita o olhar, mas as mãos, essas, insistem num complexo exercício gestual, e tanto podem estar falando da abóbora gigante - *maior que a casa* ou do galo-garnisé Brioso - *o rei-do-terreiro, o invencível* das rinhas paulistas. *Seo Raúl*, hoje, teima em nos dizer algo, insiste em fazer brilhar, ali, o seu sorriso de vitória., e como um galo-de-rinha que luta, bravamente, e implora por um lugar ao sol, *Seo Raúl*, sem qualquer carência de linguagem, deixa ver ali, agora, naquelas mãos ágeis, quase mágicas, o objeto nu, inteiro, a arma, o revólver que, num relance, surge e dispara certo bem no centro dos olhos pequenos do desalmado *Bajula*, e no céu da sua boca terrível. *Seo Raúl* está ali, agora, e traduz o silêncio junto àquele corpo caído. Um galo-cego na arena dos homens. Mas quem o olha, assim, a certa distância, vê ali, um galo-de-briga a enxergar bem além da sua altura, com um olhar para próprio universo; e com os gestos ariscos *Seo Raúl* quer implorar por algo... ou quem sabe, suplicar que o deixem seguir só, para trotar, galopar e se embrenhar pelos caminhos livres e tortuosos da existência, mas seguro e confiante, sempre montado em seu corcel veloz, *um pégaso invisível*, o seu cavalo-de-pau!...

## **(8) “ S A B E Q U E M É J A C Q U E S B R E L ? ”**

*Comecru* carregava na sua ficha criminal um dos mais ousados planos de fuga do presídio. Uma ação frustrada, entretanto, pois centenas de detentos foram soterrados pela queda das paredes do túnel. Somado a isso, liderou um enfrentamento no pavilhão 3, *o forno*, diante da truculência do Comandante Benhur – o *Dá-Sem-Dó* - que totalizou, ali, mais de 80 corpos inertes pelos corredores da unidade. *E* ainda que tenha tido saldo negativo, ganhara respeito no comando do tráfico – afinal, conseguiria (não fosse o desabamento), colocar fora dos muros do presídio mais de 200 *ponta-firmes* para uma nova célula local. É sabido que, ainda criança, já se destacava pela ousadia nas brincadeiras de *Salva-cadeia*, enganando a todos com sua perspicácia e impondo sua fúria contra aquela *infame prisão* do imaginário infantil: - *Liberdade para todos!*... - gritava eufórico. Tempos depois, o sistema prisional – afeito a possibilidades diversas, entre elas, a compra da própria liberdade, facilitaria a saída de *Comecru*, que ganhou a rua e escafedeu-se pelas periferias da cidade. Entretanto, jamais voltaria para a cadeia – foi o

que disseram. E durante o tempo em que ficamos à sua mercê, ele próprio se encarregou de tramar o nosso destino de vida ou morte.

Eu sabia que os olhos do *Comecru* estavam ali e nos seguiam desde que pisamos na travessa. Olhos de águia, ele disse. Ele, o Zoinho, o braço direito do Chefe. “Devagar” eu dizia pro escritor, observando o clima tenso. “Devagar”, disse em voz precavida - eles estão nos cercando por todos os lados; as motos circulam espertas e os motoqueiros rodopiam as cabeças com os olhos focados em nós, os invasores... Ignorando o meu receio, o escritor seguia interrogando moradores: - *Sabe quem é Jacques Brel?* Ao final da rua, onde o esgoto se transformava num pântano lamacento que invadia os quintais, quando já íamos entrar no táxi de volta, eles chegaram em número de cinco ou seis, dando as coordenadas: *Come-cru*, disse o Zoinho, ele carrega um binóculo *Nikon Cross Country*, telescópico - na certa, agora, faz sua mira sobre nós. E ele está lá, naquela laje ou naquela outra, Zoinho apontou e garantiu: *Comecru* não tiraria os olhos de nós - informação que nos adiantara o taxista, Walter, que nos conduziu ao território sob a lei do chefão - a *travessa Jacques Brel*, no bairro Jardim Cereja. *Comecru* sempre teve pressa, disse o Segundo - e completou - mas, nunca, nunca comia cru!.. - O Assistente apontou para o alto, à direita - Ali, o quartel general do Chefe, disse o Segundo na hierarquia. E quem é ele? Se o Senhor pergunta eu respondo: - tem pra mais de um metro e oitenta, bem truncado, cara enfezada, lutou boxe e não deu sossego, nocauteou e colocou pra beijar a lona, o *Comecru*; Esperto desde menino - a mãe confirma. O nome dele é Juce, quer dizer, o apelido; o nome de batismo é Júlio César - ela disse. Juntou o *JU* de Júlio, com o *CE* de César - daí, *JUCE!*... E muito tempo depois, na prisão, seria o *Come-cru*, o que carrega tatuagem do filho e de uma paixão que escorregou faz tempo. No rosto, uma cicatriz de faca, mas passou o cara no presídio... Hoje, aqui, fez as perguntas... Ele quer que o senhor tenha as respostas, certo? Então, quem são? polícia, caguetas, informantes, fiscal?... Vão chegando, entrando, a bem dizer na casa da gente, tirando fotos, falando com quem tá quieto... E o táxi seguindo, ... aí um diz que um é escritor e o outro acompanhante? E escreve o quê? Tem um livro aí pra gente ver?... O nome é esse mesmo? - *Glória partida ao meio?*... E o tal de *Jacques Brel*, a travessa, onde entra nessa história? ... Tá confuso, compadre!... Então vem dois de fora, faz fotos, perguntas... a troco de quê?... de nada?!...

Nosso táxi seguia um caminho de difícil acesso, pontuado pelas perguntas do Walter - *Vocês dois, fazer o quê na travessa Jacques Brel?* O escritor fez referência ao livro, o segundo que escrevia sobre o cantor, por isso, queria fotos da rua que lhe faz homenagem, pra levar em visita à *Fundação Jacques Brel* na capital francesa. - *Estamos quase chegando, chefia!*... O taxista confortava-nos, mas logo nos alertava para o beco-sem-saída à nossa frente - a *travessa Jacques Brel*. Walter conhecia o local, mas evitava se arriscar - Afinal, confessou - policial civil há muito tempo - deixara a farda e ganhava a vida no táxi. Por isso, melhor falar com o filho, que também é taxista. E colocou o celular no viva-voz:

- *Oi, Filho... tô indo no Cereja, levo um escritor e um amigo dele... barra pesada, lá, foi o que eu disse, não é?!...*

- *Tá doido, meu Pai... deixa os caras na rua de cima e pronto!...*

- *Não disse? ... o menino conhece o mocó... Ali, meu chapa, o mais bonzinho estapeia mãe no tanque, pode crer!...e ali tem dono - o Comecru - o Cereja tá na paz... acho que tá, mas tá na mão dele!...*

Zoinho digitava o celular com a competência de um braço direito. Os outros, um mais próximo, outro ali atrás, outro mais adiante - variando as idades, lá estavam, também, dois senhores. Um deles fez a pergunta que todos queriam fazer: - *Quem é Jacques Brel?* O escritor tomou fôlego e respirou fundo, era sua praia. O maior nome da canção

francesa - pouco conhecido no Brasil – mas se puxar pela memória vai lembrar de *Ne Me Quitte Pas*, e ensaiou o canto, acentuando os primeiros versos: *Ne me quitte pas... Ne me quitte pas ...Il faut oublier ...* a música fala da paixão, do amor – enfatizou o escritor - e continuou: ninguém cantou essa música como Brel – como Roberto Carlos no Brasil, mal comparando, Brel foi o rei da canção popular francesa!... *Danou-se* – disse Zoinho se aproximando. O Chefe quer um aqui e o outro fora - prosseguiu. As fotos valem dinheiro, ele disse. Se vai levar pra outro país... tem lá um interessado. E, claro que vão pagar em dólar ou euro... Nesse instante, Walter ameaçara sair do táxi. Vi ali um imbróglio – um ex-policia civil, com certeza, teria uma arma camuflada no carro. Melhor que não desse bandeira, o Walter; Agora, ali, na *travessa Jacques Brel*, a mais valia falava alto, pois transformava nossa visita em possibilidades de dinheiro vivo. Um hábil sequestro se desenhava à nossa frente. O escritor vem com a gente pra conhecer a comunidade – sentenciou Zoinho. E o Senhor pensa aí numa ajudazinha. Uma quantia, um tanto pra atender a comunidade. O escritor fica!... Walter agilizara o percurso até um Caixa-eletrônico e sugeriu confiante:

- *Leva mil!... Tem mil?... Leva mil!... O contrário é avisar a polícia!... Diz que escritor vive do que vende, e às vezes nem vende... quem compra livro hoje em dia?...*

Enquanto o táxi ladeava, novamente, a travessa, em minha mente, o escritor, de olhos vendados, punhos amarrados para traz, e isolado na pequena sala mal iluminada pela janela, sentia numa das faces os primeiros sinais de tortura, sob a voz tonitruante, aterradora e incisiva de *Come-cru*, tentando arrancar-lhe confissões: - *Diz aí, pra quem trabalha? Onde vai levar essas fotos? Quanto valem!?*... Eu podia sentir os tapas fortes e os golpes precisos do boxeador, ecoando pelo interior da sala. Os lábios do escritor, nesse momento, deixavam ver o sangue escorrendo nas suas barbas brancas. A voz do taxista arrancou-me do pesadelo: - *Olha lá, são eles, o grupo todo, ali no final da rua!...* Seguimos. Os olhos dos moradores pareciam nos dizer que eram sabedores de tudo. Uma curva, mais uma, e eis que o escritor surge calmo à frente do grupo – Sorria tímido, mas sorria. Suas mãos detalhavam algo no ar. Contavam alguma história que ele, com certeza, dominava de cor e salteado. Por certo, desenhavam com os pincéis mágicos do imaginário, o rosto e as nuances da figura emblemática de Brel diante de um microfone, interpretando *Valse a mille temps*, e depois, depois reafirmando-se como o patrono-mor daquela pequena ruazinha do Jardim Cereja. Assim que nos viu, acenou que o táxi encostasse; os outros, sob ordens de Zoinho, olhavam silenciosos, porém, carregados de simpatia. A mão do escritor acenou em despedida. Zoinho e os demais corresponderam ao gesto. Seguimos silenciosos até o final da rua onde se alcança a grande avenida. - *Conta, conta tudo* – eu disse logo, com os olhos pregados no escritor. Sorridente, ele mantinha os olhos estáticos na paisagem que o taxista Walter fazia acelerar em nossas retinas e, confortavelmente, recitava de cor, um trecho da orelha do livro *Glória partida ao meio*, que circunstancialmente carregara com ele, e que havia presenteado *Come-cru*, com dedicatória. - *Dedicatória? - Como assim?* – Perguntei-lhe. E o escritor prosseguiu lembrando: “ (...) *em meio à tensão da clandestinidade, nasce uma história de amor; uma paixão ameaçada pelas torturas e perseguições do tempo da ditadura...*” O assunto, dissera Zoinho, encantara *Comecru*, que prometera ler até o final. E o marcador de livro, na página 246, destacava o parágrafo que o levava a tomar aquela decisão. O escritor, orgulhoso e emocionado, resgatou o trecho:

“ (...) *Glória presenciou num silêncio forçado os dois companheiros tombarem (...) Mas fazer o quê? Quando um dos homens lhe deu as costas, a pequena distância, fechando a visão dos demais, ela mirou rapidamente o revólver e apertou o gatilho. O tiro saiu incrivelmente certo, e o projétil atingiu o crânio do policial, que tombou para a frente, morto. A resposta veio numa rapidez que não deu nem para sentir: o comparsa mais próximo disparou sua metralhadora como se cumprisse a missão de arrombar uma*

*caixa-forte; só parou com sua fúria quando o pente se esgotou; e aí, há muito tempo Glória já havia sucumbido, partida ao meio.”*

*Come-cru, por certo, lera na segunda capa a referência à “Jacques Brel” disse o escritor. Por isso, Zoinho trouxera o recado amistoso: esquecessem o dinheiro. Come-cru ficaria com o livro e os dois poderiam seguir a vida. Dediquei-lhe, “uma boa leitura” e assinei - finalizou o escritor. Missão dada, missão cumprida. Zoinho e os outros, cada qual à sua maneira, registraram nesse dia, o nome e o sobrenome de quem trafegou pelo teatro, cinema, vagueou pelo ar e navegou pelo mar e se lançou ao cancionero popular de forma viva e brilhante. A travessa Jacques Brel, no bairro Cereja, carregaria, entre eles, agora, essa emblemática história do compositor que “sempre cantou para os que tem sede”.*

## **(9) “LUA DE MEL EM FRIBURGO”**

Dr. Júlio dorme a sono solto. Mas nem tudo são flores. O sono, que há instantes parecia tranquilo, agora causa-lhe um ligeiro sobressalto. Dr. Júlio rola na cama e o suor chega em bicas na sonoridade de um pesadelo.

*“- POIS EU LHE DIGO, DOUTOR JÚLIO... ENQUANTO FORES SOLTEIRO, A SUA INDICAÇÃO NÃO SAI!... O CARGO EXIGE RESPONSABILIDADE DE HOMEM CASADO, UM PAI DE FAMÍLIA!... PORTANTO, OU CASAS OU FICAS SEM O PÔSTO!...”*

Ainda sobressaltado, a toalha de rosto livra-o do suor. Dr. Júlio olha os três retratos de mulheres sobre a sua escrivaninha. LUISA é morena; ISABEL tem cabelos cacheados. DONA ANINHA é rechonchudinha e simpática. As fotos se revezam nas suas mãos. Dr. Júlio deixa ver em seus olhos, a própria imagem da indecisão: *- Pobre de ti, doutor Júlio!... pobre de ti, como não imaginou que elas poderiam ser amigas?... Luisa conhece Isabel que conhece Dona Aninha que conhece Luisa... pobre de mim... quanto me custa decidir por uma delas?*

Dr. Júlio apanha as fotos e caminha falando a esmo pelo quarto.

*“- Ah!... Isabel é formosa... e neta do Comandante Eustáquio... Luisa é a própria lua cheia!... afilhada do deputado Feijó, Senador da república... Dona Aninha é cheia de predicados... e o melhor deles é ser filha do procurador Mendonça... uma palavra do pai e pronto!... lá estarei eu como diretor da Repartição, e com direito a férias em Nova Friburgo!...”*

Em instantes, Doutor Júlio já está pronto para o dia. Anda com charme e sobriedade a caminho do trabalho. *“- Que maçada!..... Calma, Doutor Júlio, calma!... as fotos estão contigo, e bem guardadas!... na certa não sabem de nada... mas, decida-se, homem... ou*

*Luisa, ou Isabel, ou Dona Aninha?... Não!... Ou Isabel, ou dona Aninha ou Luisa?... Não e não e nao!..."*

Dias depois, Dr. Júlio está frente a frente com Isabel.

*-Negas que tem um retrato de Luisa e Dona Aninha?...*

*-Minha Isabel... são namoradeiras...deram-me a foto, uma lembrancinha, disseram!...*

*- Mas, bem que fizeste um elogio a elas, lembras?...*

*- Só tenho olhos para ti!....*

*- Confirma? ... noivado, casamento e lua de mel em Friburgo?...*

Dr. Júlio esquiva o olhar. Pouco depois, está frente a frente com Luisa:

*- Escolha, Doutor Júlio Simões de Alcobaça Nunes!.. ou Isabel ou Dona Aninha ou eu?*

*- Acredite, minha Luisa... tuas amigas não te contaram tudo...*

*- Não?!...negas que dissestes palavras lisonjeiras a elas, negas?*

*- Não nego, mas Isabel aproveitou-se da minha amizade... e Dona Aninha atirou-me o Pai nas fuças... o que eu poderia fazer?*

*-Jura-me?.. então, noivado, casamento e lua de mel em Friburgo?*

Incisiva, Dona Aninha apanha mais um brigadeiro e cobra-lhe respostas: - mentiste, não foi Doutor Júlio... ou negas?...

*- Minha boa Aninha... as amigas te querem pelas costas, não vês?*

*- Mas, guardavas fotos de Luisa e Isabel...*

*- O que fazer?... uma lembrancinha, disseram elas!....*

*- Te perdôo... porém, noivado, casamento e lua de mel em Friburgo, sim?*

DR. Júlio está novamente na escrivaninha. As fotos de LUISA, ISABEL E DONA ANINHA parecem seguir seus os olhos à espera da decisão. *“- Não vaciles, Doutor Júlio... Seja homem, homem... escolha uma e pronto!.. as outras hão de te odiar para sempre... Sim, é isso, decido-me por Luisa e ponto final!..."*

LUISA está embevecida com a visita, mas é Dona Graça faz as apresentações:

*- Ah! Doutor Júlio, este... este é o Tenente...*

*- Capitão, mamãe, Capitão! - interrompe Luisa.*

*- Como vês, Doutor Júlio, querem me rebaixar o posto!...*

*- Me confundem, as patentes! -*

*- Minha Luisa, Dona Graça vai te dizer algo - informa o Capitão.*

*- Bem, filha...o tenente, quer dizer, o Capitão pediu-te em casamento... Luisa sorri afirmativa. Doutor Júlio esquiva-se porta afora. A voz lhe chega desabaladamente. . “- Ora, Doutor Júlio... devias agradecer ao Capitão... poupou-lhe a decisão... agora será Isabel e pronto!..."* Isabel, a mãe e a visita olham reticentes para o Doutor Júlio, ligeiramente atordoado com a apresentação:

*- Machado?... Machado?!... – repete Dr. Júlio.*

*- Um seu criado, Doutor Júlio... ausentei-me da capital para escrever um romance!...*

*- Machado?!... Machado?!...- reitera Dr. Júlio.*

*- Prometes vir para o noivado, Doutor Júlio?*

*- Noivado? ... Sim, claro... Não, sim... Machado?!.... balbucia Dr. Júlio*

*- Aceite o romance Doutor Júlio... trato da Alma Feminina... Ah!...as mulheres!..*

*- As Moças!... As Moças!... As Moças!... - Doutor Júlio lê o título em voz alta com um olhar cada vez mais estranho.*

*- O que lhe parece o título, Doutor Júlio, gostas!? ...*

Dr. Júlio sai sem mesmo gesticular um adeus a todos. O som cadenciado da sua bengala e a voz repetitiva vão ganhando terreno e relevo.

*“- As Moças!...As Moças!..." As Moças!...*

Junto à janela da rua, Dona Aninha tem companhia e acena-lhe repetidamente: - Bons dias, Doutor Júlio.. reatei-me com o Avelar, e já estás convidado para as nossas núpcias!... Ah! Doutor Júlio, o Avelar assume na Repartição, será o novo diretor de

Inspeção e Fiscalização da República!... Doutor Júlio parece não atinar com o que lhe diz Dona Aninha, e segue, cada vez mais, transtornado em seu monocórdio repetitivo:  
- As Moças!... Machado!... As Moças!...Noivado!...Machado!...As Moças!...

**Nota:** Narrativa inspirada livremente no texto 'casa, não casa', de Machado de Assis. Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, de 12/1875 a 01/1876.

## (10)NÃO SUFOCA ELE, MOÇO!...

*Estar vivo talvez seja isto: espreitar os instantes que morrem! (\*)*

Às cinco da tarde, quando o calor já diminuía no Lixão, Suelem livrou-se do avental de plástico, do meião, do gorro, das incômodas luvas de tricô e respirou fundo, sentindo um ar gostoso invadindo o seu corpo. Enquanto se desvestia, Suelem se dava conta de que se esquecera da música, que a essa hora sempre surgia em sua cabeça - e cantar aquele refrão, era como um lembrete para avisar a si mesma que iria ao encontro do seu filho, Janelson – “*a sua flor cheirosa daquele lugar malcheiroso!*”. Fora um dia comum como a maioria dos dias no aterro Joaninha, mas reservaria alguns fatos que mudariam a vida de Suelem, pois prenderiam a sua respiração, quase ao ponto de sufocá-la, e lhe trariam a perplexidade que afeta a todos nós, pobres mortais... Suelem seguira pela trilha contornando o aterro, lembrando que o bom dali era a casa ficar bem ao pé do descampado, por isso, sempre chegava ainda de dia; os outros, como a *Fuque*, *Seo Papudo*, *o crente*, e a *Nildinha-coragem*... tinham que seguir num trem apinhado de gente até o longínquo vilarejo do Sacramento – isso, depois de um dia inteiro em pé, naquele calor sufocante, separando latas, garrafas pet, sacos plásticos e outros recicláveis de ocasião... Os olhos de Suelem voltaram-se para uma estranha formação no amontoado de lixo, soterrado há muito, transformado em tortuosas placas escuras e grandes, que mais pareciam pirâmides ladeadas por altos paredões, simulando cavernas, formando, curiosamente, ali, imensos túneis a céu aberto, cuja travessia sinalizava com uma ampla vereda... Uns passos a mais levaram Suelem ao deslumbramento - constatava por si mesma, o que diziam há muito – *o Lixão era o mundo!* - Havia nele, mais mistérios e esconderijos do que se imagina – segredara-lhe, certa vez, *Nildinha-coragem*, referindo-se ao bandido que deixara morto e estatelado, quando



sofrera a tentativa de estupro ali mesmo no Lixão – “ *A salvação, amiga, a salvação foi aquela pedra pontiaguda na jugular do escroto!...* – confidenciara. Aquele Lixão abraçava muitas histórias – testemunhava Suelem, diminuindo os passos e contemplando, encantada, na grande vereda, aquele colorido abundante das *marias-sem-vergonhas...* espalhando-se na relva, ali estavam elas, centenas, milhares, germinando teimosamente, fruto das sementes trazidas pelo vento, pelos insetos ou pelas chuvas...

Nas mãos de Suelem, a colheita apanhada juntava o aroma doce das flores aos seus inúmeros matizes cromáticos... Suelem, ali, tomada por aquele ar lisérgico e extasiante do perfume, que se sobrepunha ao cheiro do lixo naquele cenário esplendoroso, sorria à solta, demoradamente, pois logo, logo pediria ao filho para lhe repetir o nome das cores – quando, na certa, ouviria alegremente:

- *Amarelo, Janelson... fala, A-ma-re-lo!?!...*

- ...LELO!...

- *Agora, Azul, filho... fala, Azul?*

-ZUU... ZUU!...

- *Isso, filho... e agora, Lilás, ahn?...fala pra mamãe, fala... Li-lás!...*

- LÁS... LÁS!....

O buquê colorido das “*marias-sem-vergonhas*” parecia acentuar os bons momentos que vivera com o Fonte, porém, a cada passo que dava naquele chão árido da longa trilha, Suelem lembrava-se dos últimos episódios que a faziam também duvidar desse relacionamento - não bastasse ouvir à boca pequena *que era mulher de bandido... que gente assim tem vida curta... que esse namoro nunca iria dar certo...que o filho, Janelson, seria uma criança sem pai* – não bastasse isso, Suelem ainda ouviria a própria Mãe dizer o mesmo, fazendo coro com as amigas mais próximas.

Ao conhecer o Fonte, na balada 360 GRAUS, Suelem se apossara, necessariamente, de duas fortes lembranças: a rivalidade entre as lideranças locais - *gente do Fonte versus gente do Jesuíno* - cada qual com o seu território no morro Santa Maria, e o xaveco inesquecível que o Fonte jogara sobre ela, cujo refrão da música, Suelem passaria sempre a cantar para filho Janelson à saída do trabalho: “- *Você é meu doce mel, meu pedacinho do céu...*” Sobre o enciumado Jesuíno, também ele, como o Fonte, observara Suelem, ambos tinham aquele tique de dar um tapa nos cabelos que teimavam em cair na testa... até nisso se imitavam... Para Suelem, *Jesuíno e o Fonte* eram da mesma laia, pois pareciam alguém cuja mãe haveria de dizer um dia aquilo que

regra geral todas as mães nunca deixam de dizer aos filhos... que se livrassem das más companhias...que por ali o que havia era um bando de gente desocupada... que por ali ninguém teria futuro... e que ali, ninguém prestava... e que não criara um filho para não dar em nada nessa vida ou pra virar bandido no Santa Maria... Mas bastava olhar para ambos e confirmar – avaliara Suelem - as palavras que aquelas mães disseram, foram, todas elas, diretas, certeiras e verdadeiras!...

A presença de Jesuíno ao lado daquela Parati vermelha no descampado, surpreendeu-a momentaneamente. – *Um inimigo do Fonte, por ali?* - avaliou Suelem, sem imaginar que ouviria de Jesuíno alguma coisa sobre os novos donos da *boca-de-fumo* no Santa Maria... e que o Fonte e sua gente acabariam assim!... Primeiro, Jesuíno dissera - *Presos!* – Suelem sufocara a respiração até o limite das suas forças... Depois, Jesuíno completaria que - naquelas circunstâncias - “*Presos*” era o mesmo que dizer “*Mortos!*”. Nessa hora, Suelem sentiria seus pés sumindo, deixando-a sem qualquer amparo... Ali, diante de seus olhos negros que sempre lhe completaram aquele corpo esguio e escultural, a voz do Jesuíno soara como um revanche, como ameaça, pois jamais lhe perdoara o sucedido na 360, o que ele chamara durante todo o tempo de “*cinismo*” do Fonte; e Suelem lembrara-se de que o Fonte sempre a alertara sobre o rival:

- *Perigoso e traíra!..* - reiterava o Fonte.

À frente de Jesuíno, Suelem sentia-se sob um turbilhão; sentia-se refém de uma avalanche de lixo caindo, ininterruptamente, sobre sua cabeça, revirando os seus pensamentos que teimavam em lhe trazer à tona, como num filme, aquela Parati vermelha avançando em linha reta, em velocidade acelerada, acentuando o ronco alto do motor e da buzina, sempre a dois passos de atingi-la em cheio, e esmagá-la por inteiro ao pé do aterro Joaninha... Ofegante e sem voz, e atordoada, Suelem observara que sob as suas mãos, as flores que levava para filho Janelson, jaziam, ali agora, desbotadas e murchas – como se elas, também elas, as *marias-sem-vergonhas*, ousassem uma cumplicidade aliada aos sermões que sempre ouvira desde que conhecera o Fonte:

- *mulher de bandido... gente assim tem vida curta.... esse namoro nunca vai dar certo... e Janelson?... um filho que nunca terá um pai!...*

Era visível que Jesuíno ganhava relevo e importância ao lado da Parati vermelha, pois, enquanto atirava suas farpas contra Suelem, seus olhos seguiam para o alto, por

sobre o cenário do aterro, como quem, a partir de agora, farejasse todo o comando da região sob suas mãos; como quem, a partir de agora, enxergasse sob seu domínio, sob suas ordens superiores, o que antes pertencera ao antigo rival. E o que Suelem sequer imaginava é ainda que ouviria de Jesuíno alguma coisa sobre a entrega da casa ao novo dono ... e o que a surpreenderia, deixando-a sem forças sequer para dizer “*pelo amor a Deus, Jesuíno!*”... ou mesmo, para gritar o seu desespero ao desalmado e atual dono da *Boca*, foram as palavras cruéis e atropeladas do *traíra*: Primeiro, Jesuíno disse – *o menino!* – Suelem sequer entendera a referência, porém prendeu a respiração até o limite do possível... Instantes depois, Jesuíno completaria que - com a reviravolta instalada - *o filho*, não havia dúvidas, pertencia mesmo ao comando do tráfico... e acrescentara, de forma explosiva, que tudo nesta vida tem o seu preço!... Frágil e desamparada, Jesuíno barrara com facilidade a vã tentativa de Suelem, ao insistir numa desabalada fuga em campo aberto. Naquele instante, alçado a Líder, Comandante, Chefe do tráfico, Dono exclusivo das bocas no morro Santa Maria, Jesuíno apenas colocaria a sua mão forte sobre o pescoço de Suelem, tombando-a sobre o capô do veículo, acentuando um ligeiro aperto capaz de deixá-la, momentaneamente, sem a respiração... segundos depois, ao afrouxar o gesto, sentenciaria, entre dentes, quase em sussurro... porém, repetidas e repetidas vezes, que a *casa* e o *menino*, agora, pagariam as dívidas do Fonte com o tráfico...e que o prazo de validade já havia vencido naquele momento!... A Parati seguiu ágil em rodopios e cantando pneus no descampado, enquanto os olhos negros de Suelem, que sempre lhe completaram o belo corpo esguio e escultural, deixavam escapar as lágrimas, facilmente identificadas pela Mãe. Ainda que tentasse disfarçá-las, ao abraçar o filho, os soluços de Suelem, teimosamente, misturavam-se ao refrão da música, a mesma que Seo Papudo, o *crente fervoroso*, dissera um dia, que gruda na gente como uma canção de ninar, e que quando isso acontece – *já estava escrito na Bíblia* – seria mesmo Davi dedilhando a sua harpa para espantar os maus pensamentos do Rei Saul, de Israel!... “- *Você é meu doce mel, meu pedacinho do céu...*”

A Mãe de Suelem fora a primeira a notar a febre. Depois, a própria Suelem, que a caminho do pronto-socorro, sentiria o seu coração aos pulos...Sabia que o pai a deixara para sempre, sabia que o perdera para o tráfico. “*Todas perdem*” – diziam. *Mas Janelson, não!* – enfatizara - *Esse, não!... Em Janelson ninguém põe a mão... A casa que me tomem, mas em Janelson, Jesuíno e o tráfico não tocam!*...Suelem repetia para si mesma, silenciando, apenas, quando ouviu a voz da Enfermeira.

- O menino precisa ficar, Mãe, a doutora vem pela manhã... enquanto isso, ele toma o soro e faz os procedimentos!... Pouco a pouco, Suelem já se distanciava levando aquele desconforto insuportável em deixá-lo tão longe de si.

- “Janelson puxou a mim, Mãe - Sente um calorão que faz dó. Gosta mesmo é do corpo livre, com o ar em volta...Eu disse pra Atendente... eu disse pra Moça do hospital... e fazer o quê, Dona, se Janelson nasceu nessa fornalha do inferno aqui no aterro Joaninha!... Eu disse... abre a blusinha dele, Dona, deixa bem aberta pra livrar esse calor que ele tem!...”

Naquela manhã, diante do chamado da enfermeira por “Janelson de Jesus da Silva!”, Suelem adiantara-se ágil e explicativa: “ - Sou a Suelem, a Mãe do Janelson... O nome do filho, pronunciado assim, completo, e em voz alta, soara estranho para Suelem, pois no dia a dia era o seu *neném*, o *nininho*, o *nenenzão*... Suelem percebera, ali, um certo desencanto, cujo peso se igualaria ao de uma rocha bruta desabando sobre um corpo frágil... E o rochedo que a Enfermeira lhe trouxera, seria ainda muito mais pesado:

- Olha, Senhora... olha, Mãe... eu sei que é difícil de entender... é difícil aceitar .... mas o Janelson... o Janelson, seu filho, foi a óbito!... o menino não resistiu!...

Suelem pisara, ela mesma, sozinha, sobre uma mina explosiva com os dois pés, e jogara sobre o projétil todo o peso do seu próprio corpo, que a explosão cuidaria de salpicar em estilhaços... e seus olhos turvariavam, e ao fechá-los por inteiro, para que aquela densa fumaça passasse, já estava sem a certeza de que poderia abri-los outra vez... “- Olha, Senhora... olha, Mãe...fizeram de um tudo, mas a pneumonia não dá tempo, Mãe, cochilou um pingo, mata!...” O corpo de Suelem escorregara frágil pelo batente da porta, espalhando objetos da sua bolsa que se abria na queda... A mamadeira do filho deslizou pelo chão frio diante de seus olhos impotentes, esquivando-se, por vezes, dos pés humanos, e rodopiando, continuamente, por entre as macas recostadas nas paredes frias do corredor... instantes depois, amparada pela Enfermeira, Suelem seguiria trôpega e cambaleante. Apenas uma voz reverberante chegava aos seus ouvidos: “- Antigamente, Mãe... antigamente, não era assim, não, Mãe... Hoje tem sala de necrotério só para os pequenos... Muito melhor, não é? ...Chegamos, Senhora!... É ali, a sala, Mãe... O auxiliar, o moço... ele orienta você, Mãe...”

- **Janelson de Jesus da Silva** - disse Suelem para o moço que orienta. *Trouxe a certidão, Senhora?... A carteira do hospital também serve, Mãe!... É naquela porta, Mãe... Na mesa tem três crianças, Janelson é o do meio... a Senhora precisa confirmar!... O Janelson... ele está coberto, está dentro do plástico preto... fica amarrado na ponta, mas só de leve, Mãe... é só puxar o cordão prá desatar”...*

A porta da sala cederia ao leve toque das mãos de Suelem, e rangendo incessantemente, revelaria para Suelem o ambiente semi-iluminado. Em passos lentos e com o olhar estremeado sobre aquele invólucro preto, Suelem transformaria o seu silêncio sufocante num grito dissonante que se afluava à sua volta:

“ – Moço, Moço... Janelson tem esse calor pelo corpo... eu pedi, eu supliquei que desabotoassem a blusinha ... Janelson sofre, agoniza, quando sente esse calor, Moço... Livra o Janelson, Moço... Livra ele desse cobertor de plástico... Vem moço, abre, puxa a ponta do cordão, descobre ele, moço, ele está sufocado... Janelson, assim, sufocado, pode até mesmo morrer, moço...Assim, ele morre, moço...Não sufoca ele, moço!...”

E a voz de Suelem, carregando a perplexidade, soava, ali, como fosse capaz de estimular o movimento dos homens, de impulsioná-los em sua obstinada perseguição *para o além do além do além*, onde os limites, todos os limites se tornam inexistentes... Suelem caíra dentro da sua própria tragédia com a missão de revolver o lixo, até que mais dia menos dia, encontrasse a pessoa que fora, a pessoa que era, a pessoa que seria... e, inconformada em perder e seguir perdedora, seguira arrastando junto ao seu corpo, o corpo inerte de Janelson, sem conseguir descrever o que vivia e sentia... E então, ainda que o moço que orienta a impedisse, ainda que tentasse, Suelem apossara-se do embrulho onde jazia o corpo do filho sufocado pelo calor e a escuridão...E seguiram-se os seus gritos, que mais pareciam os gemidos de um parto, aliados a outros gritos dos auxiliares, enfermeiras e atendentes que, ruidosos, emitiam seus grunhidos ariscos e desesperados diante de quem lhes rouba e se esquiva fugitivo rua afora... e Suelem seguira ao encontro do amanhecer no aterro Joaninha, onde, àquela hora já se instalara o sol a pino - onde aquelas flores que germinam, as *marias-sem-vergonhas*, explodiam na grande vereda os seus matizes cromáticos em tons de amarelo, azul e lilás.. e os olhos de Suelem voltavam-se para a luz do dia ... e brilhavam, e ela se sentia, ali, completamente extasiada, luzidia, mãe e protetora ... “*E era magnífico*” – dizia - “ *e era magnífico estar ali com Janelson - a sua*

*flor cheirosa - era magnífico ficar ali, por entre as flores e paredões, misteriosamente escondida nas veredas, naquele mundo do Lixão para todo e sempre!...” (\*\*)*

(\*) Barbery, Muriel - A elegância do ouriço – Ed. Cia das letras.

(\*\*) Referências fraseológicas do período final: ESTAMIRA (Filme - Documentário )